

Jesus de Belém ou de Nazaré?



Paulo Neto

Jesus de Belém ou de Nazaré?

“Quem for tão ignorante, ou tão inocente, capaz de abrir o Novo Testamento na esperança de encontrar uma fonte histórica imparcial, será repelido como se por um pé-de-vento. Abra-o, e encontrará uma Caixa de Pandora de desafios pessoais e injunções éticas.” (WILSON, 2007).

Paulo Neto

Copyright 2022 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

[https://i.pinimg.com/originals/e8/ed/2a/
e8ed2a919e7c01a4bccc16d88d5c24ff.jpg](https://i.pinimg.com/originals/e8/ed/2a/e8ed2a919e7c01a4bccc16d88d5c24ff.jpg)

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes
Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira

Diagramação:

Paulo Neto
site: www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, outubro/2022.

Índice

Prefácio.....	4
Introdução.....	11
Àquela época existia a cidade de Nazaré ou não?.....	12
Para alguns exegetas, em qual cidade que Jesus nasceu?.....	25
Análise dos textos bíblicos.....	36
Porventura, teria algum profeta dito: “ <i>Ele será chamado nazareno</i> ”?.....	79
Jesus: o nazareno ou o nazireu?.....	91
Conclusão.....	106
Referências bibliográficas.....	109
Dados biográficos do autor.....	113

Prefácio

Esta é mais uma oportunidade em que o autor Paulo Neto me concede a honra de prefaciá-lo, porque já o havia feito também em *“Reencarnação e as Pesquisas Científicas”* e *“Será Que os Profetas Previram a Vinda de Jesus?”*.

Estou bastante à vontade para fazê-lo, não só pelo fato de que já tinha lido o trabalho todo, mais de uma vez, por ocasião da revisão editorial do mesmo, como também por ser partidário incondicional da linha de ação do Paulo Neto: pesquisa elaborada em fontes confiáveis e, principalmente, o estrito compromisso com a verdade acima de tudo, doa a quem doer! Claro que isso vai impactar na memória de Saulo (Paulo) de Tarso, um publicano (1) e lacão dos romanos e que, muitas vezes, pisoteou o seu próprio povo! Sim, ele escolheu o lado mais sombrio do Judaísmo e o divulgou como sendo obra sua, de modo que a

doutrina que pregou bem que poderia se chamar “Paulinismo”, ao invés de “Cristianismo”! Se acha que tais palavras são muito fortes e até mesmo exageradas, sugiro que leia os artigos “*Uma História de estarrecer na Bíblia*” (2) e “*Os Falsos Deuses e os Problemas da Humanidade*” (3).

Aliás, é interessante notar que Jesus (Yeshu’a) não era cristão, Gautama Buddha não era budista e nem Maomé (Muhammad) era muçulmano! As deturpações dos ensinamentos de cada um deles ficaram mesmo por conta de seguidores bem mal-intencionados!

Claro que isso vai também para a conta da fétida “igreja” de Roma, responsável por utilizar indevidamente o nome do mahāvātāra (4) Yeshu’a (Jesus) e cometer muitos crimes contra a humanidade, alguns dos quais são devidamente listados em “*Uma Grande Falácia - Igreja Católica Apostólica Romana*” (5).

Não me surpreendi nem um pouco com a seguinte passagem selecionada pelo Paulo Neto:

“[...] Os pesquisadores do SJ (Seminário de Jesus) chegaram a concluir que **apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos podem ser realmente consideradas autênticas e que apenas 16% (dezesesseis por cento) do total de ações a ele atribuídas nos Evangelhos pode ser, de fato, consideradas autênticas**, ou seja, aproximadamente 82% das palavras e 84% das ações atribuídas a Jesus nos Evangelhos não são verdades históricas, mas crenças cristãs (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 1).”

Aliás, são tantas deturpações... a começar pelo nome do Divino Mestre! O rei da Espanha até 2014 era chamado de João Carlos ou de Juan Carlos? E os Beatles, João Lennon e Paulo McCartney ou John Lennon e Paul McCartney? Nomes próprios não se traduzem; eles são transliterados, isto é, devem ser vertidos para os caracteres alfabéticos do outro idioma de forma a resguardar, dentro do possível, a pronúncia original!

Mas, não vou alongar a novela, vamos direto aos fatos:

O **Divino Mestre Jesus** era um nativo de língua aramaica e, neste idioma, seu nome é **Yeshu'a** (hebraico bíblico ou quadrado: **ישוע**;

hebraico massorético: **ישוע**; aramaico siríaco (versão Peshitta aramaica da Bíblia): **ܝܫܘܥ**; pronúncia: iêchúa), segundo o Prof. Fabio Sabino, um grande estudioso do hebraico e do aramaico. Existe também a versão **Yehoshu'a** (primeira grafia → hebraico bíblico ou qua-drado: **יהושע**; hebraico massorético: **יהושע**;/segunda grafia → hebraico bíblico ou quadrado: **יהושוע**; hebraico massorético: **יהושוע**; pronúncia de ambas as grafias: iêrrôchúa), no tempo do cativo na Babilônia (598 a.C.- 538 a.C.). Após este período a grafia evoluiu e, no tempo de Jesus, a forma Yehoshu'a já tinha sido abreviada para Yeshu'a. Na versão peshitta da Bíblia, escrita em aramaico siríaco, o nome que aparece é Yeshu'a. A forma Yaohoshu'a (pronúncia: iaorrôchúa) não é correta, embora defendida por “experts” na Internet. O Novo Testamento foi originalmente escrito em grego koiné (grego: κοινή; pronúncia: coinê). Assim sendo, pode-se afirmar que o Novo Testamento é um compêndio cuja alma é hebraico-aramaica, ao mesmo tempo em que o corpo é helênico, ou, melhor, um compêndio em que o pensamento semita se exhibe em roupagem

grega e, neste idioma o nome hebraico/aramaico Yeshu'a ficou sendo **Iesous** {grego: **Ἰησοῦς** [Substituíram o “ayin” final da língua hebraica “א”, que não tem equivalente em grego, por um “sigma final “ς” (o “s” grego final). Também o grupo “sh” que representa a consoante shin “ש”, por não haver em grego som correspondente a essa consoante fricativa palatal, que soa como “xis” (conforme, por exemplo, a palavra eixo), foi substituída por sigma “σ” (o “s” grego), também fricativa, mas linguodental, que em grego, mesmo entre vogais, soa como “ss”]; pronúncia: iêssúss (O ditongo grego “ou” é pronunciado com som de “u”. Em português não existe palavra terminada em “ss”. Isto só foi colocado desta forma para frisar que a letra sigma é sempre pronunciada com prolongamento) e, mais tarde, para o latim, **Jesus** (com o “j” pronunciado como “i”) ou **Iesus**. O emprego da letra “j” para representar “i consonântico” em latim ocorreu na época do Renascimento, e foi difundido por Pierre de la Ramée, também conhecido como Petrus Ramus. A expressão “letra ramista”, ficou sendo uma

designação comum dada às consoantes “j” e “v”, em homenagem a ele, que primeiro as distinguiu das vogais “i” e “u” em textos franceses. Em tempo: as informações do grego e do latim vieram do Prof. José Manuel Villar Serrano.

Maiores detalhes sobre os verdadeiros nomes dos apóstolos poderão também ser encontrados em *“Os Doze Apóstolos de Yeshu'a (Jesus)”* (6).

Só me resta parabenizar ao meu amigo Paulo Neto, por mais esta pérola do conhecimento, trazendo informações verdadeiras àqueles que buscam a Luz do Conhecimento!

Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira

Engenheiro, professor universitário e Mestre em Reiki

(1) O teólogo Pedro Jorge descreve que os publicanos (cobradores de impostos) sempre foram detestados e desprezados pelos judeus povo de Deus (em quase todas as religiões abraâmicas) pelo fato de que o imposto nada mais

é do que um roubo, a tomada da propriedade de uma pessoa sem o consentimento da mesma, e consiste numa violação direta de um dos mandamentos divinos mais sagrados “não roubarás” (Êxodo 20:15).

Por serem tidos como pecadores desprezíveis que viviam em constante violação do mandamento sagrado, o próprio Jesus Cristo cita eles com desprezo, ao mencionar que se um seguidor do evangelho for um pecador incorrigível, deveria ser tratado como se fosse um gentio e publicano.

Mateus 18:15-17 (versão Almeida corrigida):

Ora, se teu irmão pecar contra ti, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão;

Mas, se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada. E, se não as escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano.

- (2) <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/333-uma-histria-de-estarrecer-e-bblia-v4>
- (3) <https://1drv.ms/b/s!AIMK9yPrJbscjTY4XSzSk-U3rNwW?e=vnwVy2>
- (4) Grande avatãra (sendo este último um enviado divino).
- (5) <https://1drv.ms/b/s!AIMK9yPrJbscjVTQSFrx-MNJQjU?e=FEkigh>
- (6) https://1drv.ms/b/s!AIMK9yPrJbscjUlePvWuvDktG_Qv?e=dgucEA

Introdução

Resolvemos fazer o presente estudo pelo motivo de ter visto estudiosos bíblicos dizerem que Jesus não teria nascido em Belém, fato, que, a princípio, nos pareceu muito estranho haja vista que quando éramos criança nos falaram que ele nascera nessa cidade.

Talvez o comodismo de aceitar informações sem as questionar, especialmente aquelas vindas de pessoas que, em nosso julgamento, parecem ter conhecimento do assunto, nos fez acreditar nessa história a respeito da cidade em que Jesus nasceu.

Só que os exegetas, da atualidade, amparados na crítica textual, nos apontam outro caminho, o da fortíssima possibilidade de Jesus ter nascido em Nazaré e não em Belém, como se faz crer.

Informamos que todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.

Àquela época existia a cidade de Nazaré ou não?

Por curiosidade, vejamos a sua localização (¹):



Entre os vários estudiosos bíblicos ainda é causa de polêmica a questão da cidade de Nazaré ter existido à época de Jesus.

Esse será o primeiro ponto que abordaremos, uma vez que essa cidade será importante para o nosso estudo. Vejamos o que estes três autores disseram sobre esse tema:

1º) Roméro da Costa Machado, em **A Sociedade Secreta de Jesus**:

(Mateus 2:23) – “... assim se cumpriu o que foi anunciado pelos profetas: <Ele será chamado Nazareno>”.

Aqui, num pequenino trecho, não só um amontoado de erros, como muita mentira e má fé de Mateus (ou do escriba que fez o texto e atribuiu a ele a autoria do versículo). **Mateus especializou-se em inventar “profecias retroativas”** que aconteciam muitos anos (pelo menos 40 anos) depois dos fatos terem sido relatados como acontecido. Como também Mateus inventava muitas profecias do Antigo Testamento, sem que as citadas profecias realmente estivessem no Antigo Testamento. Isto porque, **não existe um único registro no Antigo Testamento a respeito de Nazaré ou Nazareno**. Trata-se de invencionice de Mateus (ou do escriba que escreveu por ele),

escrevendo sobre a vida de Jesus mais de 70 anos após o seu nascimento e após a destruição de Jerusalém no ano 70, e tentando fazer coincidir, no ano 70, “profecias retroativas”, como se elas tivessem realmente se realizado. **Aliás, Nazaré sequer existia como cidade quando Jesus nasceu.** Existia, sim, o lago de Genesaré (Mar de Tiberíades), mas não **a cidade de Nazaré, que somente veio a existir alguns anos (cerca de quinze anos) após Jesus ter nascido.**

Vejamos a má fé de Mateus (ou do escriba que escreveu por ele). Ele afirma, após o ano 70, época da destruição de Jerusalém e da diáspora e extermínio dos essênios, portanto 70 anos depois de Jesus já ter nascido, que 70 anos antes iria se realizar uma “profecia retroativa” e que Jesus iria ser chamado de Nazareno.

Uma profecia ao Contrário, relatada depois do fato ter acontecido, passados mais de 70 anos. Porém, **o mais gritante é que além de Nazaré sequer existir quando Jesus nasceu, sendo impossível, dessa forma, tal registro, Mateus ainda confunde Nazireu com Nazareno, que são coisas completamente diferentes.** (2)

2º) Iakov Abramovitch Lentsman (1908-1967), obra ***A Origem do Cristianismo***:

O modo pelo qual os autores dos evangelhos falam de **Nazaré** não é menos característico. **Seu**

nome não figura no *Antigo Testamento*. Os autores judeus do século I também nada dizem sobre ela, se bem que eles se façam notar (particularmente Flávio Josefo) pela amplitude de suas informações sobre o pequeno país que era a Judeia. **Ouve-se falar de Nazaré, pela primeira vez, nas fontes que datam do século III.** Ora, nos evangelhos, Nazaré é chamada de “cidade”. (*Mateus*, II, 33; *Lucas*, I, 26; II, 39, etc.) **Não parece, portanto, que Nazaré tenha sido uma cidadezinha perdida que pudesse ser ignorada por todos os historiadores da Judeia.**

Porém, por que se encontra esse nome tantas vezes nos evangelhos? Para explicar isso, convém lembrar que no *Livro dos Juizes*, no *Antigo Testamento*, fala-se, por duas vezes, que Sansão será o “nazareno de Deus”. A raiz dessa palavra em hebraico, *nazir*, significa um justo cuidadoso na observância estrita de certos ritos. **Os autores dos evangelhos não conheciam a Judeia senão pelos textos do *Antigo Testamento* e achando visivelmente, que “nazareno” significava originário de Nazaré, deram esse nome ao lugar do nascimento do Cristo, sem sequer suspeitar que semelhante localidade ou vila não existia na Judeia.** (3)

3º) H. Spencer Lewis (1883-1939), obra ***A Vida Mística de Jesus***:

Estive recentemente em Nazaré e fiz exaustivas pesquisas com o propósito de comprovar as declarações contidas nos registros Rosacruz; a maioria de meus leitores ficará provavelmente surpresa em saber que, ao tempo em que Jesus nasceu, **não havia cidade ou vila na Galileia com o nome de Nazaré e que a cidade que hoje traz este nome, na Galileia, não só é uma cidade recente mas também veio a ter este nome, por causa da insistência dos investigadores em encontrar alguma localidade que tivesse o nome de Nazaré, na Galileia.** (4)

Houve grandes dificuldades na busca de um lugar que correspondesse ao nome de Nazaré, na Galileia, visto que nenhuma cidade com este nome fora mencionada no Velho Testamento e nenhum dos mapas antigos do tempo do Cristo revelava a existência desse local. **Um pequeno povoado chamado “en-Nasira”, entretanto, foi localizado bem longe do Mar da Galileia e imediatamente rebatizado “Nazaré” e associado à infância de Jesus.** A descoberta deste povoado *en-Nasira* ocorreu no *terceiro século depois de Cristo*, e desde então passou a ser conhecido pelo nome de Nazaré, embora ainda hoje continuem a faltar quaisquer evidências que justifiquem o uso desse nome. Em Marcos VI: 1,2 diz-se que Jesus voltou a seu próprio país e que Seus discípulos o seguiram e que, quando chegou o *Shabat*, ele começou a ensinar na sinagoga. No quarto verso do mesmo capítulo, Jesus se refere ao fato de que Ele era um profeta em Seu próprio país, entre seus próprios

parentes e em Sua própria casa. Essas referências foram interpretadas como sendo relativas a Nazaré, a cidade onde muitos estudiosos da Bíblia acreditam que Jesus nasceu e passou a infância. Ora, se é verdade que Jesus retornou à Sua cidade natal e pregou *na sinagoga para grandes multidões*, não poderia ter sido em *en-Nasira*, ou a chamada Nazaré; mesmo no segundo e terceiro séculos após o nascimento de Jesus, *en-Nasira* ou Nazaré ainda não tinha uma sinagoga nem era suficientemente grande para possuir qualquer edificação ampla onde multidões pudessem ter ouvido Jesus pregando, nem havia multidões nas vizinhanças para ouvi-Lo. Portanto, as referências de Marcos à Sua cidade natal não podem ter sido relativas a *en-Nasira*. *En-Nasira* era tão-somente um povoado em torno de um poço chamado na época de “poço da casa da guarda”, embora, segundo descobri, tenha sido chamado, nos últimos anos, de “Poço de Santa Maria”. Esta mudança de nome e a atribuição de significado religioso a um local sem importância da Palestina é bem típica das modificações que estão sendo feitas naquele país para agradar os turistas.

Procurando nos registros judaicos, vemos que estes confirmam que só nos livros do Novo Testamento, escritos muito após a vida de Jesus, há menção de Nazaré como uma cidade da Galileia, e que este local não é mencionado no Velho Testamento, nos escritos históricos de Josefo nem no Talmude. Durante a vida de Jesus, a cidade de Jafa era a mais importante na Galileia, sendo a que mais atraía os viajantes e era mais

citada nos escritos históricos.

Nos registros da Igreja Católica Romana e nas suas enciclopédias, vemos que o vilarejo *en-Nasira* era conhecido estritamente como um povoado judeu até o tempo de Constantino, havendo referências de ser habitado *totalmente por judeus*. Esta pequena aldeia, em volta de um poço, portanto, não poderia ter sido o centro da população gentia da Galileia. Hoje em dia há uma pequena igreja ou capela em Nazaré, a qual visitei, supostamente erigida sobre a gruta onde Maria e José viviam no tempo da anunciação, quando o arcanjo revelou a Maria o iminente nascimento da encarnação do Logos. ⁽⁵⁾ (itálico do original)

É muito estranho a cidade de Nazaré não ser citada no Antigo Testamento, mais ainda porque o historiador hebreu Flávio Josefo (37-103 d.C.) também não a menciona. Lentsman informa que somente fontes que datam do Século III é que fazem referência a ela.

Lewis vai mais longe dizendo que “não só é uma cidade recente mas também veio a ter este nome, por causa da insistência dos investigadores”, deixando nas entrelinhas a ideia de que a cidade foi especialmente inventada, para justificar crenças

engendradas tempos depois da passagem de Jesus pela Terra.

Na obra ***E a Bíblia tinha razão...***, do autor Werner Keller vamos encontrar um contraponto isso. Nela temos a seguinte informação:

Mark Lidzbarski chega a afirmar que, durante a vida de Jesus, nem teria existido um lugar geográfico chamado Nazaré. Contra-argumentando, pode-se dizer que, embora não soubéssemos como era Nazaré nos tempos de Jesus, achados arqueológicos confirmam a existência daquele povoado (se é que uns precaríssimos abrigos podem ser chamado de “povoado”), no período entre cerca de 900 a.C. e 600 d.C., e esses achados incluem também peças datando do reinado de Herodes, o Grande (de 40 a 4 a.C.). [...]. (6)

Conseguimos a informação que Mark Lidzbarski (1868-1928) foi um filólogo polonês, semitista e tradutor de textos mandeianos. (7)

O escritor Reza Aslan, especialista em temas religiosos, em ***Zelota: A Vida e a Época de Jesus de Nazaré***, é da seguinte opinião:

Nazaré, essa aldeia na encosta do morro, é tão pequena e tão obscura que seu nome não aparece em nenhuma fonte judaica antiga antes do século III d.C., nem na Bíblia Hebraica, nem no Talmude, nem no Midrash, nem em Josefo. Ela é, em suma, um lugar irrelevante e totalmente esquecível. Ela é, também, a cidade em que Jesus provavelmente nasceu e cresceu. Que ele veio dessa aldeia bastante isolada, de algumas centenas de judeus empobrecidos, pode ser muito bem a única verdade sobre a infância de Jesus sobre a qual podemos estar razoavelmente confiantes. **Jesus era tão identificado com Nazaré que foi conhecido em toda a sua vida simplesmente como “o Nazareno”.** Considerando o quão comum Jesus era como primeiro nome, **a cidade de seu nascimento tornou-se sua principal alcunha.** Era a única coisa sobre a qual todos os que o conheciam, seus amigos e seus inimigos igualmente, pareciam concordar. ⁽⁸⁾

Caso a informação dessas transcrições de que a cidade de Nazaré não existia à época de Jesus, então, temos um sério problema para usar o gentílico “nazareno” para designar um habitante dessa cidade.

Consultando a [Wikipédia](#), a respeito de Nazaré, encontramos o tópico intitulado “História

antiga e evidência arqueológica”, do qual transcrevemos:

A pesquisa arqueológica revelou um centro funerário e religioso em Kfar HaHoresh, a cerca de duas milhas de Nazaré, datado como tendo aproximadamente 9 000 anos (correspondendo ao período que é conhecido como Neolítico pré-cerâmica B).[7] [...].

Chad Emmet é autor de um estudo sociológico sobre a Nazaré moderna intitulado “Além da Basílica: cristãos e muçulmanos em Nazaré”. [...] Emmet afirma que as **escavações arqueológicas** na vizinhança das atuais Basílica da Anunciação e Igreja de São José **revelaram pedaços de cerâmica da Idade do Bronze (2.200 a 1.500 a.C.) e artefatos, silos e moinhos da Idade do Ferro (1.500 a 586 a.C.)**. [10] [...] Bagatti, o principal arqueólogo nos sítios venerados em Nazaré, desenterrou grandes quantidades de artefatos do final do período romano e do período bizantino,[14] o que assegura a indiscutível presença humana ali do século II em diante.

Emmet também afirma que **“casas e sepulturas feitas de pedra construídas sobre cavernas, naturais ou escavadas na rocha, também foram encontradas, e que datariam da era romana (63 a.C. - 324 d.C.)**.”[15] [...].

Finalmente, Emmet afirma que “Sob o espectro dos dados arqueológicos, especula-se que os primeiros habitantes de Nazaré possam ter sido os

cananeus, depois os israelitas e judeus da Galileia.”[15] De fato, os habitantes da região na Idade do Bronze devem ter sido cananeus, mas a falta de evidência arqueológica mostra que a presença israelita na bacia ainda não foi substanciada.

James Strange, um arqueólogo americano, ressalta que **“Nazaré não é mencionada nas fontes antigas judaicas antes do século III. Isto provavelmente reflete a sua falta de proeminência tanto na Galileia como na Judeia.”**[17] Strange primeiro estimou a população de Nazaré na época de Cristo como de “aproximadamente 1600 a 2000 pessoas”, e, numa publicação subsequente, em um máximo de 480 pessoas.[18]

Alguns historiadores sugeriram que a ausência de referências textuais a Nazaré no Velho Testamento e no Talmude, assim como nas obras de Josefo, **sugeririam que uma cidade chamada “Nazaré” nem mesmo existia nos dias de Jesus.**[19]

Muitos autores supõem que a antiga Nazaré foi construída em uma encosta, como era exigido pelas escrituras: “[E levaram Jesus] ao topo do monte no qual a cidade fora construída, para que o pudessem arremessar para baixo” (Lucas 4:29). O monte em questão, no entanto, o Nebi Sa'in, é muito íngreme para as antigas moradias.[20] Bagatti mostrou, no entanto, que esta área foi claramente usada para tumbas e trabalhos de agricultura nas Idades do Bronze e do Ferro, assim

como na segunda metade da ocupação romana.
[21]

[...].

Uma tabuleta que está atualmente na Biblioteca Nacional de Paris, datada de 50 d.C., foi enviada de Nazaré para Paris em 1878. Ela contém uma inscrição conhecida como a “Ordenança de César”, que prescreve a pena de morte para aqueles que violarem tumbas e sepulturas. No entanto, suspeita-se que esta inscrição tenha vindo de Nazaré de algum outro lugar (possivelmente Séforis). Bagatti escreve: “Não temos certeza de que ela foi encontrada em Nazaré, ainda que ela tenha vindo de Nazaré para Paris. Em Nazaré viviam vários vendedores de antiguidades, que conseguiam material antigo de diversos lugares.”[25] C. Kopp é mais definitivo: “Deve-se aceitar com certeza que a [Ordinância de César]... foi trazida ao mercado de Nazaré por mercadores de fora.”[26] Jack Finegan descreve outras **provas arqueológicas relacionadas ao povoamento da região de Nazaré durante as Idades do Bronze e do Ferro**, e acrescenta que “Nazaré era um povoado fortemente judaico no período romano.”[27] A questão crítica agora sob o ponto de vista do debate acadêmico é de quando no período romano Nazaré veio a existir, ou seja, se os assentamentos lá começaram antes ou depois do ano 70 d.C. (primeira guerra judaico-romana). [28] ⁽⁹⁾

Bom agora temos informações de que algumas pesquisas arqueológicas atestam a existência de Nazaré.

O que deve ficar bem claro, para quem nos for ler, é que é fato inconteste que Jesus não nasceu em Belém, a cidade de Nazaré entra como algo plausível.

Para alguns exegetas, em qual cidade que Jesus nasceu?

O jornalista João Burlamaqui Lóes, mais conhecido como João Lóes, em reportagem publicada na revista **IstoÉ**, com o título “*A Face Humana de Jesus*”, diz o seguinte:

Embora os evangelhos de Mateus e Lucas afirmarem que Jesus tenha nascido em Belém, é muito provável que isso tenha ocorrido em Nazaré. **“Todos os grandes especialistas bíblicos são unânimes em admitir que Jesus nasceu em Nazaré”, afirma Frei Betto**, religioso dominicano autor do recém-lançado “Um homem Chamado Jesus”. **Ao que tudo indica, Lucas e Mateus teriam escolhido Belém como cidade natal de Jesus para que suas versões da vida de Cristo se alinhassem a uma profecia do Antigo Testamento**, segundo a qual o Messias nasceria na Cidade do Rei Judeu, ou seja, a Cidade de Davi, que é Belém. ⁽¹⁰⁾

Realmente, Mateus dá como certo o

nascimento de Jesus em Belém, seu objetivo parece confirmar o que foi dito na reportagem, que é o de fazer-nos crer que o nascimento nessa cidade tenha ocorrido para cumprimento de uma certa profecia. Mais à frente retornaremos a essa questão.

Em seu livro ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo***, James D. Tabor, professor universitário de Estudos Religiosos, graduado em Estudos Bíblicos e especialista nos Manuscritos do Mar Morto, nos dá a seguinte informação:

Existem estudiosos do Novo Testamento que duvidam da validade histórica até mesmo desse arcabouço básico, especialmente da história do nascimento de Jesus em Belém. **Sustentam que a história de Belém foi provavelmente acrescentada para dar crédito a Jesus como Messias descendente de Davi, já que Belém era a cidade de Davi.** Existem certos indícios de que a questão do local do nascimento de Jesus, na Galileia ou na Judeia, tornou-se uma questão de controvérsia e discussão dentro de grupos judeus (consulte João 7:40-44). ⁽¹¹⁾

Na obra ***Três Maneiras de Ver Jesus: a***

Maneira Histórica, a Mítica Literal e a Mítica Simbólica, prefácio datado de 11/05/2011, o escritor José Pinheiro de Souza (1938-2014) fez a seguinte referência:

O **Seminário de Jesus** é uma instituição composta por cerca de 100 pesquisadores, altamente qualificados, que, há 26 anos, se dedicam à investigação científica dos Evangelhos, em busca das palavras e ações autênticas de Jesus. ⁽¹²⁾

Vejamos o que José Pinheiro falou sobre a conclusão emanada do Seminário de Jesus a respeito do nascimento da criança:

Jesus provavelmente nasceu em Nazaré, sua cidade natal. Lendas posteriores que localizam seu nascimento em Belém **foram inventadas para satisfazer uma antiga profecia.** ⁽¹³⁾

Outros autores confirmam essa história da inclusão no texto do nascimento em Belém para relacionar o episódio ao cumprimento uma suposta profecia.

Não perderemos a oportunidade para trazer estas outras interessantes conclusões dos especialistas participantes do Seminário de Jesus:

Jesus não nasceu de uma virgem; os pesquisadores do SJ duvidam que Maria tenha concebido Jesus sem relação sexual. O pai de Jesus foi José ou algum outro homem desconhecido que seduziu a jovem Maria [...]. ⁽¹⁴⁾

O recenseamento mundial, a viagem para Belém, a estrela no oriente, os astrólogos [reis magos], a fuga para o Egito e o retorno do Egito, o massacre das crianças, os pastores nos campos e o parentesco com João Batista **são tudo ficções cristãs.** ⁽¹⁵⁾

[...] Os pesquisadores do SJ chegaram a concluir que **apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos podem ser realmente consideradas autênticas e que apenas 16% (dezesseis por cento) do total de ações a ele atribuídas nos Evangelhos pode ser, de fato, consideradas autênticas,** ou seja, aproximadamente 82% das palavras e 84% das ações atribuídas a Jesus nos Evangelhos não são verdades históricas, mas crenças cristãs (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 1) ⁽¹⁶⁾

A **Revista Superinteressante nº 183**, publica um artigo do jornalista e editor Rodrigo Cavalcante intitulado “*Quem foi Jesus?*”, do qual ressaltamos este interessante trecho:

[...] E o segundo problema, ainda mais grave, é que provavelmente **Jesus não nasceu em Belém**. **“Há quase um consenso entre os historiadores de que Jesus nasceu em Nazaré”**, diz o padre Jaldemir Vítório, do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte. Então por que o evangelho de Mateus diz que o nascimento foi em Belém? Vítório explica que o texto segue o gênero literário conhecido por midrash. Basicamente, o midrash é uma forma de contar a história da vida de alguém usando como pano de fundo a biografia de outras personalidades históricas. **No caso de Jesus, ele explica, a referência a Belém é feita para associá-lo ao rei Davi do Antigo Testamento – que, segundo a tradição, teria nascido lá.** ⁽¹⁷⁾

Ernest Renan (1823-1892), escritor, filósofo e historiador, analisando a infância e a juventude de Jesus na obra **Vida de Jesus**, objetivamente disse:

Jesus nasceu em Nazaré ⁽¹⁸⁾, pequena cidade da Galileia, que antes desse importante

acontecimento não teve nenhuma celebridade (2). Durante toda a sua vida foi conhecido pelo nome de “Nazareno” (19), e só após entrarmos por um atalho bem complicado (4) é que seremos capazes de entender o porquê da **lenda que diz ter ele nascido em Belém**. Veremos adiante (20) o motivo dessa suposição e como ela era a consequência obrigatória do papel messiânico atribuído a Jesus (6). Ignora-se a data precisa de seu nascimento. Ele ocorreu sob o reino de Augusto, provavelmente por volta do ano 750 de Roma (21), ou seja, alguns anos antes do ano 1 da era que todos os povos civilizados datam como o dia oficial de seu nascimento (22).

(2) **Ela não é mencionada nem nos escritos do Velho Testamento, nem em Josefo, nem no Talmude**. Mas é nomeada na liturgia de Kalir, para o 9 de ab.

(4) **Essa circunstância foi inventada para responder a Miqueias, V, 1**. O recenseamento efetuado por Quirino, ao qual a lenda relaciona a viagem a Belém, data de pelo menos dez anos além do ano em que, segundo Lucas, Jesus teria nascido. Os dois evangelistas, de fato, situam o nascimento de Jesus sob o reino de Herodes (Mat., II, 1, 19, 22; Lucas, I, 5). Logo, **o recenseamento de Quirino só aconteceu após a deposição de Arquelau, quer dizer, dez anos após a morte de Herodes**, no ano 37 da era de Acio (Josefo, *Ant.*, XVII, XIII, 5; XVIII, 5, 1; II, 1). A inscrição pela qual se tentava outrora estabelecer que Quirino fez dois recenseamentos é reconhecida como falsa (V. Orelli, *Insc. Lat.*, nº 623, e o suplemento de Henzen nesse número; Borghesi, *Fastos Consulares* [ainda inéditos], no ano de 742). Quirino pode ter sido núncio por duas

vezes na Síria, mas só houve recenseamento na segunda nunciatura (Mommsen, *Res gestae divi Augusti*, Berlim, 1865, p. 111 e seg.). **O recenseamento, em todo caso, teria sido aplicado às partes reduzidas à província romana, e não aos reinados e tetrarquias, mormente enquanto vivesse Herodes, o Grande.** Os textos pelos quais se tenta provar que algumas das operações de estatística e de cadastro determinadas por Augusto devem ter se estendido ao domínio de Herodes ou não têm a importância que se lhes quer dar ou são de autores cristãos, que tomaram este dado emprestado do Evangelho de Lucas. **O que bem prova, aliás, que a viagem da família de Jesus a Belém não tem nada de histórico, que é o motivo a ela atribuído.** Jesus não era da família de Davi (ver cap. 15) e, mesmo que fosse, não se conceberia, ademais, que seus pais tivessem sido forçados, por uma operação puramente cadastral e financeira, a ir se inscrever no local de onde seus ancestrais haviam saído mil anos antes. Impondo tal obrigação, a autoridade romana teria angariado para si pretensões carregadas de ameaças.

(6) Mat., II, 1 e seg.; Luc., II, 1 e seg. **A omissão desse relato em Marcos** e as duas passagens paralelas, Mat., XIII, 54 e Marcos, VI, 1, nas quais **Nazaré aparece como “a terra” de Jesus, provam a ausência de tal lenda** no texto primitivo que forneceu o esboço narrativo dos Evangelhos atuais de Mateus e Marcos. É diante dessas objeções frequentemente repetidas que se terão acrescentado, quanto ao Evangelho de Mateus, reservas cuja contradição com o resto do texto não era tão flagrante a ponto de obrigar a correção dos locais que haviam sido descritos sob um ponto de vista muito diferente. Lucas, ao contrário (IV, 16), escrevendo refletidamente, empregou, para ser consequente, uma expressão mais amenizada. **Quanto ao quarto**

evangelista, ele nada sabe da viagem a Belém; para ele, Jesus é simplesmente “de Nazaré”, ou “galileu”, em duas circunstâncias em que seria da maior importância lembrar seu nascimento em Belém (I, 45-46; VII, 41-42). ⁽²³⁾

Das notas de Renan só deixamos logo abaixo do texto principal aquelas que trazem coisas importantes que completam sua fala; as de caráter apenas informativo, vamos assim dizer, ficaram mesmo no fim do documento.

Renan é da opinião de que Jesus nasceu em Nazaré, só por pura fantasia, ou seja, uma lenda é que o colocam nascendo em Belém.

Na obra ***Jesus, Esse Grande Desconhecido***, o autor Juan Arias, padre escritor e jornalista, corrobora o que acabamos de falar:

[...] E hoje tudo leva a crer que **Jesus não nasceu em Belém**, como afirmam os evangelhos de Mateus e Lucas (Marcos e João nem mencionam seu nascimento), mas em Nazaré.

Segundo alguns biblicistas modernos, como **Antonio Piñero**, a notícia de que **Jesus nasceu em Belém** deve-se à intenção de fazer coincidir o nascimento do Messias com a profecia de

Miqueias, tal como aparece na Bíblia, que diz o seguinte: “E tu, Belém Efrata, tu és pequenina entre os milhares de Judá! Mas de ti há de sair aquele que há de reinar em Israel”, justamente um texto citado por Mateus quando narra o episódio do nascimento.

É a partir daí que Mateus e Lucas constroem o relato do nascimento em Belém. Mas de maneira bem diferente. Mateus fala da ira de Herodes que ordena a matança dos inocentes, o que Lucas ignora. Lucas, ao contrário, fala de um recenseamento decretado por César Augusto, que seria o motivo de os pais de Jesus se mudarem para Belém, fato que Mateus ignora. E, de fato, parece que não há provas históricas da existência desse censo naquela época e naquele lugar. **Crossan diz isso com todas as letras: “Nunca houve um censo geral no tempo de Augusto”.** Além do mais, o censo tinha uma finalidade fiscal, e cadastrar alguém longe do seu local de trabalho teria significado um verdadeiro pesadelo para a burocracia.

O mais provável é que Jesus tenha nascido em Nazaré. De fato, nos evangelhos ele nunca é chamado de “Jesus de Belém” e sim de “Jesus de Nazaré”, que era como se costumava chamar as pessoas, ou seja, pelo lugar de nascimento ou pelo nome do pai. Neste caso, ele teria sido “Jesus de José”, mas nunca foi chamado assim, provavelmente porque, como se sabe, os evangelistas não davam importância a São José, que é apresentado acima de tudo como

um velho, devido à importância atribuída à virgindade de Maria antes e depois do parto. Curiosamente, o pai de Jesus é o grande desconhecido nos evangelhos e em toda a tradição cristã. Talvez por isso existam tantas lendas extraoficiais sobre sua pessoa. ⁽²⁴⁾

Devia-se prestar mais atenção no que se tem descoberto a respeito dos costumes do povo hebreu, porquanto, são, muitas vezes, peças importantes para a interpretação de um texto.

Em ***Jesus, o Maior Homem do Mundo***, o autor Andrew Norman Wilson, escritor e colunista de jornal inglês conhecido por suas biografias críticas, romances e obras de história popular, disse:

[...] Podemos observar, no entanto, que o **Quarto Evangelho (de São João) afirma com toda clareza que Jesus não nasceu em Belém e que não fazia parte da linhagem de Davi.** (João, 7:42) Nesse Evangelho, as multidões não acreditavam na possibilidade de que ele seja o Messias porque veio da Galileia, e não de Belém. [...]. ⁽²⁵⁾

A linha de raciocínio do autor é um tiro fatal na

tese de Jesus ter nascido em Belém.

Portanto, temos várias opiniões, apoiadas em dados concretos, que demonstram que estudiosos de renome não aceitam o nascimento de Jesus em Belém, mas em Nazaré.

Análise dos textos bíblicos

Inicialmente, é preciso chamar a sua atenção, caro leitor, para o fato de que Mateus, mais do que qualquer um dos outros autores dos Evangelhos, sejam eles quem forem, tinha uma nítida preocupação em relacionar os vários acontecimentos da vida de Jesus com alguma profecia.

Em seu irrefreável objetivo, chega ao ponto extremo de citar até mesmo profecias inexistentes, como é o caso, por exemplo, da passagem Mateus 2,23, que mais à frente veremos, na qual ele diz que profetas, no plural mesmo, previram que Jesus “*Será chamado o Nazareno*”.

Na obra ***Além de Toda Crença: O Evangelho Desconhecido de Tomé***, a autora Elaine Pagels, professora de religião na Universidade de Princeton, confirma essa tendência do autor do Evangelho de Mateus:

[...] Hoje, porém, **muitos estudiosos sugerem que a correspondência entre profecia e evento que Mateus descreve mostra que ele às vezes adaptou sua narrativa de modo a adequá-la às profecias. [...].** ⁽²⁶⁾

Vejamos o texto bíblico:

Mateus 2,1-6: **“Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judeia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, e perguntaram: 'Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para prestar-lhe homenagem'. Ao saber disso, o rei Herodes ficou alarmado, assim como toda a cidade de Jerusalém. Herodes reuniu todos os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei, e lhes perguntou onde o Messias deveria nascer. Eles responderam: 'Em Belém, na Judeia, porque assim **está escrito por meio do profeta: 'E você, Belém, terra de Judá, não é de modo algum a menor entre as principais cidades de Judá, porque de você sairá um Chefe, que vai apascentar Israel, meu povo'.**”**

A questão de Jesus ter nascido em Belém é hoje motivo de sérios questionamentos por parte dos

estudiosos, como vimos.

Um leitor atento perceberá que o autor do Evangelhos de Lucas informou que o anjo Gabriel foi enviado a Nazaré para avisar Maria (Lucas 1,26): “Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus.” (Lucas 1,31)

O teor da narrativa nos leva a concluir que essa era a localidade onde ela morava. Assim, temos prova que existe divergência em relação ao lugar onde moravam os pais de Jesus, porquanto, naquela ocasião Maria já estava desposada com José.

O que há dúvida é que, para o autor de Mateus, a família de Jesus residia em Belém, local onde se deu o seu nascimento. Tal fato ocorreu, conforme ele alega, para se cumprir uma suposta profecia de Miqueias que diz:

“Mas você, Belém de Éfrata, tão pequena entre as principais cidades de Judá! É de você que sairá para mim aquele que há de ser o chefe de Israel. A origem dele é antiga, desde tempos remotos.” (Miqueias 5,1 ou 5,2)

Relacionar o nascimento de Jesus a essa

“profecia’” de Miqueias é pura apelação, porquanto, quem a utilizou, simplesmente, pegou parte de um texto, fora do seu contexto, fato que leva quem o ler a crer numa realidade completamente diferente daquela que corresponde à verdade dos acontecimentos.

Para que se possa entender o contexto é necessário continuarmos lendo a sequência imediata da narrativa de Miqueias:

*“Pois Deus os entrega só até que a mãe dê à luz, e o resto dos irmãos volte aos israelitas. De pé, ele governará com a própria força de Javé, com a majestade e o nome de Javé, seu Deus. E habitarão tranquilos, pois ele estenderá o seu poder até as extremidades da terra. Ele próprio será a paz. Se a Assíria invadir o nosso território e quiser pisar o interior de nossos palácios, poremos em luta contra eles sete pastores e oito comandantes. Eles vão governar a Assíria com espada, a terra de Nemrod com punhal. **Ele nos livrará da Assíria, se invadirem o nosso território, se atravessarem nossas fronteiras.**”* (Miqueias 5,2-5 ou 5,3-6)

A pessoa de quem Miqueias está falando,

nesse passo, é, provavelmente, Ezequias, filho do rei Acáz, Rei de Judá (721-693 a.C.). É nele que o povo hebreu deposita a sua esperança em livrá-lo da Assíria, portanto, nada tem a ver com alguma profecia a respeito de Jesus, por mais esforço exegético que se faça.

Continuando sua narrativa, o autor de Mateus passa a informar da fuga da família de Jesus para o Egito, de onde todos retornam para morar em Nazaré:

Mateus 2,13-23: *“Depois de sua partida, um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e disse: ‘Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito e fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para o matar’. José levantou-se durante a noite, tomou o menino e sua mãe e partiu para o Egito. Ali permaneceu até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que dissera o Senhor por meio do profeta: **Eu chamei do Egito meu filho (Os 11,1)**.Vendo, então, Herodes, que tinha sido enganado pelos magos, ficou muito irado e mandou massacrar em Belém e nos seus arredores todos os meninos de dois anos para baixo, conforme o tempo exato que*

havia indagado dos magos. Cumpriu-se, então, o que fora dito pelo profeta Jeremias: **Em Ramá se ouviu uma voz, choro e grandes lamentos: é Raquel a chorar seus filhos; não quer consolação, porque já não existem! (Jer 31,15)**. Com a morte de Herodes, o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, no Egito, e disse: ‘Levanta-te, toma o menino e sua mãe e retorna à terra de Israel, porque morreram os que atentavam contra a vida do menino’. José levantou-se, tomou o menino e sua mãe e foi para a terra de Israel. Ao ouvir, porém, que Arquelau reinava na Judeia, em lugar de seu pai Herodes, não ousou ir para lá. Avisado divinamente em sonhos, retirou-se para a província da Galileia e veio habitar na cidade de Nazaré para que se cumprisse o que foi dito pelos profetas: **Será chamado Nazareno.**”

Nesse trecho o autor volta a “atacar” apresentando supostas profecias, citando mais três, que, também, nada têm a ver com Jesus.

Sobre a última suposta profecia “Será chamando Nazareno” é algo que analisaremos mais à frente.

Será que Herodes tentou mesmo matar o

menino, como é afirmado? O primeiro problema que se nos apresenta é “que Herodes faleceu quatro anos antes da era cristã” (27). Por isso, essa suposta intenção de matar as crianças, tem tudo para ser ficção. Fato que é fácil de se perceber, pois não há um relato sequer que João Batista, a essa época com menos de dois anos, tenha sido poupado por Herodes ou que, talvez, sua família também tenha fugido para escapar dele.

Quanto a idade de João Batista, calculamos que ele era pouco meses mais velho que Jesus. Para se comprovar isso basta ler em Lucas (1,39-44) para ver que a jovem Maria foi visitar Izabel e ocorreu que “*a criança lhe estremeceu no ventre*” (Lucas 1,41), ou seja, estava grávida de João. E, continua a narrativa, Izabel “cheia do Espírito Santo” diz a Maria: “*Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre!*” (Lucas 1,42), portanto, ela reconheceu a gravidez de sua prima.

Pepe Rodríguez, destacado jornalista de investigação, especialista em religiões comparadas, com diversos livros já publicados, em ***Mentiras***

Fundamentais da Igreja Católica, dá a respeito de Mateus 2,13-18, citado acima, a seguinte opinião:

Este relato é o máximo: mostra um Herodes profundamente estúpido que, apesar de “perturbado” com a notícia do nascimento de um rei messias que podia destroná-lo (Mt 2,3-5), se revela incapaz de enviar os seus soldados a Belém, situada a pouca distância do seu palácio, para o prender e, em lugar de mandar, ao menos, algum dos seus muitos espias da corte para que o informassem com diligência, ficou à espera das notícias de três magos desconhecidos que se haviam declarado adoradores do recém-nascido. Um recém-nascido que, conforme conta Mateus, já podia ter perto de dois anos, o que nos leva a perguntar: passou Jesus os seus dois primeiros anos num estábulo à espera dos magos?, ficou Herodes durante esses dois anos à espera dos magos sem tomar qualquer medida, mesmo depois de esse prazo ter passado?, eram tão idiotas os soldados de Herodes que não soubessem distinguir entre um recém-nascido e uma criança mais crescida, a ponto de Herodes ter de os mandar assassinar todos os nascidos “de dois anos para baixo”?

Contrariamente ao que nos fazem crer Mateus, os dados históricos reais dizem-nos que Herodes não era um rei papa-açorda e sanguinário. Muito pelo contrário. Mas, ao silenciarem os factos descritos por esse

evangelho, dizem-nos também que Mateus está a mentir. Não aparecem relatados em lado algum; nem mesmo nas *Antiguidades Judaicas* ou em qualquer outra das obras documentadas do historiador judeu Flávio Josefo (c. 37-103 d.C.): este autor, que lutou contra os Romanos na guerra judaica, nunca deixou passar em silêncio os massacres cometidos contra o seu povo, sendo assim impossível não ter contado – num relato minucioso, como são todos os seus – a notícia da matança das crianças, se esta tivesse efetivamente acontecido (28).

Esta lenda, como restante mito evangélico sobre Jesus, é falsa. Na sua origem contam-se antigas tradições pagãs. Como é óbvio, foi introduzida por Mateus – o único texto canónico em que aparece – por um motivo muito concreto: reforçar a credibilidade do mito básico do cristianismo, mostrando como este dá cumprimento a **duas supostas profecias sobre o Messias.** (29)

Por outro lado, segundo o escritor Werner Keller (1909-1980), “inexiste prova histórica ou arqueológica da ‘fuga para o Egito’”. (30) Assunto que não estenderemos, porquanto, já o estudamos, pormenorizadamente, em nosso texto “*A fuga do Egito*” (31), o qual sugerimos a leitura.

Os tradutores da ***Bíblia de Jerusalém***

explicam a passagem Mateus 2,16:

Essa narrativa tem um paralelo anterior na infância de Moisés, descrita pelas tradições rabínicas: segundo estas, quando o nascimento da criança foi anunciado, por meio de visões, ou por intermédio dos mágicos, **o Faraó mandou chacinar as crianças recém-nascidas.** ⁽³²⁾

Temos, portanto, uma tentativa de relacionar Jesus a Moisés no episódio de um governante mandar matar as crianças.

Flávio Josefo, em ***História dos Hebreus***, narra esse episódio:

[...] **Um dos doutores da sua lei**, ao qual eles dão o nome de escribas das coisas santas e que passam entre eles por grandes profetas, **disse ao rei que naquele mesmo tempo deveria nascer um menino entre os hebreus, cuja virtude seria admirada por todo o mundo**, pois aumentaria a glória de sua nação e humilharia o Egito, e cuja reputação seria imortal. **O rei, assustado com a predição e seguindo o conselho daquele que lhe fazia essa advertência, publicou um edito pelo qual ordenava que se deveriam afogar todas as crianças hebreias do sexo masculino e ordenou às parteiras do Egito que observassem**

exatamente quando as mulheres fossem dar à luz, porque não confiava nas parteiras de sua nação. Esse edito ordenava também que aqueles que se atrevessem a salvar ou criar alguma dessas crianças seriam castigados com a pena de morte, juntamente com toda a família. ⁽³³⁾

O paralelo entre os dois personagens – Moisés e Jesus – é evidente: ambos representavam possíveis problemas políticos no futuro, caso viessem a querer ocupar cargo de mandatário.

Em relação à morte das crianças, em ***E a Bíblia Tinha Razão...***, Keller explica o seguinte:

Assim, **hoje em dia usa-se de um cuidado bem maior do que outrora na apreciação da historicidade do infanticídio de Belém** e, antes, tende-se a considerar o relato em questão como uma tentativa, condicionada à mentalidade contemporânea que visa realçar a importância de Jesus, pelos meios usados na época (para tanto, existe ainda uma certa autenticidade histórica, representada pelas atitudes efetivamente tomadas por Herodes em sua contenda com os fariseus, por causa do Messias. Veja o fim do capítulo precedente). No entanto, há ainda mais. **O relato do infanticídio de Belém estabeleceu um nexo entre Jesus e Moisés**, pois também desse último

a Bíblia conta como escapou, milagrosamente, de perseguições idênticas, sofridas por parte do faraó egípcio (Êxodo 1.15, 2.10). ⁽³⁴⁾

Corroborando o que foi dito acima, transcrevemos, respectivamente, do livro ***Jesus Ensina as Leis da Criação: Nova Interpretação de Textos Bíblicos***, autoria de Roberto Carneiro Puccinelli Junior, escritor, espiritualista e mestre em ciências e de ***Quem Jesus foi?***

Outro exemplo é a matança de meninos de até dois anos, que teria sido ordenada por Herodes “em Belém e todo seu território” (Mt2:16). **Mateus faz uso aqui de tradições rabínicas sobre a vinda de Moisés, segundo as quais tão logo o nascimento da criança foi anunciado por meio de visões e anúncios dos magos, o faraó teria mandado chacinar crianças recém-nascidas do sexo masculino** ⁽³⁵⁾. Também se observa um paralelo com o livro do Êxodo, quando o rei do Egito manda as parteiras assistentes do povo hebreu assassinar todo recém-nascido menino e poupar a vida das meninas. Conforme explica Roselis von Sass em “*O Livro do Juízo Final*”, Jesus nasceu em 12 a.C., data confirmada também pelo Dr. Jerry Vardaman, diretor do Instituto de Arqueologia da Universidade do Mississípi e professor de religião. **Nessa época, Herodes não**

estava preocupado com o nascimento de nenhum Messias, mas sim com dois de seus filhos que, segundo imaginava, tramavam a sua morte. Nesse ano ele foi com os filhos até Roma para que o imperador Augusto decidisse a questão, o qual não viu indícios de nenhuma rebelião e reconciliou pai e filhos. Ainda nesse ano de 12 a.C., Herodes presidiu a edição dos Jogos Olímpicos e até deu dinheiro do próprio bolso para garantir o sucesso do empreendimento. De preocupações com o Messias nascido, nem sinal. ⁽³⁶⁾

Quanto ao registro histórico, também devo chamar a atenção para o fato de que **não há nenhum relato, em qualquer fonte antiga, sobre o rei Herodes massacrar crianças em Belém, ou em seus arredores, ou em qualquer outro lugar. Nenhum outro autor, bíblico ou não, menciona isso. [...].** ⁽³⁷⁾

Para nós, fica nítido que a lenda da fuga da família de Jesus para o Egito foi utilizada também para tentar aplicar o que se supõe ser uma profecia de Oseias. Ao analisarmos a citada passagem desse profeta (Oseias 11,1) vemos que ela nem mesmo é uma profecia, pois, na verdade, trata-se de um fato já acontecido à época.

Por outro lado, deve-se observar que o verbo “chamar” está no pretérito, o que indica fato do passado e não um evento que acontecerá no futuro. Ademais, a expressão “meu filho”, usada no passo, tem como referência o povo de Israel e não um indivíduo em particular.

A matança das crianças é, por certo, uma tentativa de justificar uma suposta profecia de Jeremias (31,15). Porém, como já acontecido anteriormente, essa passagem também não é uma profecia, uma vez que se refere à tomada de Jerusalém por Nabucodonosor, rei da Babilônia, que subjuga o povo e o leva cativo para seu país; daí, segundo os tradutores da **Bíblia Sagrada - Paulinas 1980**, a explicação para Jeremias seria:

O pranto de Raquel (sepultada em Ramá, perto de Belém) **pelos filhos massacrados ou deportados pelos caldeus depois da destruição de Jerusalém em 596 a.C.**, renova-se no massacre dos inocentes executado por Herodes.
(³⁸)

A suposta ida da família de Jesus para Nazaré

é, da mesma forma, algo forjado para se relacionar ao cumprimento de mais uma profecia que teria sido dita por vários profetas.

A bem da verdade, como oportunamente demonstraremos, não há nenhuma profecia em que um só profeta tenha dito: *“Será chamado Nazareno.”*; portanto, é pura invenção de Mateus ou de alguém que, por algum motivo que não sabemos, colocou isso lá.

Existem outras passagens em Mateus nas quais cita-se uma cidade ou região relacionada a Jesus:

Mateus 3,13: *“Jesus foi da **Galileia** para o rio Jordão, a fim de se encontrar com João, e ser batizado por ele.”*

Mateus 4,12-13; *“Ao saber que João tinha sido preso, Jesus voltou para a **Galileia**. **Deixou Nazaré**, e foi morar em Cafarnaum, que fica às margens do mar da Galileia, nos confins de Zabulon e Neftali.”*

Mateus 13,53-54: *“Quando Jesus terminou de contar essas parábolas, saiu desse lugar, e voltou para a **sua terra**. Ensinava as pessoas*

na sinagoga, de modo que ficavam admiradas. Diziam: 'De onde vêm essa sabedoria e esses milagres?'. ”

Mateus 19,1: “Quando Jesus acabou de dizer essas palavras, ele **partiu da Galileia**, e foi para o território da Judeia, no outro lado do rio Jordão.”

Mateus 21,10-11: “Quando Jesus entrou em Jerusalém, toda a cidade ficou agitada, e perguntavam: 'Quem é ele?' E as multidões respondiam: 'É o profeta **Jesus, de Nazaré da Galileia**'. ”

A menção inicial da Galileia (3,13), provavelmente trata-se de Nazaré. Jesus muda-se para Cafarnaum, ainda na Galileia (4,12-13), depois volta à “sua terra” (13,53-54), certamente, Nazaré, conforme é afirmado em: a) *Novo Testamento - Loyola*, b) *Bíblia de Jerusalém* e c) *Bíblia Sagrada - Santuário*.

E, finalmente, ele se transfere para a Judeia (19,1), chegando à Jerusalém (21,10-11). O interessante é que nessa cidade “que mata os profetas” ele foi reconhecido como Jesus **de Nazaré**, bem estranho se tivesse nascido em Belém, que é na

Judeia, e que se localiza a cerca de 10 km ao sul de Jerusalém, que dizer, na própria região, onde dizem ter nascido, eles o conhecem como sendo de Nazaré.

Mateus 20,29-30: *“Quando saía de Jericó, uma numerosa multidão o seguiu. Então **dois cegos**, sentados à beira da estrada, percebendo que **Jesus passava** gritaram: 'Senhor, tem piedade de nós, ó Filho de Davi!'.”*

Marcos 10,46-47: *“Jesus e os discípulos chegaram a Jericó. Quando ele já saía de lá com os seus discípulos, e acompanhados de uma numerosa multidão, **o cego Bartimeu**, filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho pedindo esmola. **Tendo sabido que se tratava de Jesus de Nazaré**, ele começou a gritar: 'Filho de Davi, Jesus, tem piedade de mim!'.”*

Lucas 18,35-38: *“Quando Jesus se aproximava de Jericó, **um cego** estava sentado à beira do caminho, mendigando. Ouvindo o barulho da multidão que passava, perguntou o que havia. Anunciaram-lhe: **É Jesus, o Nazareno que está passando**. Então, ele começou a gritar: 'Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim!'.”*

Relacionando-se os passos de Marcos e Lucas, podemos, mais uma vez, concluir que a palavra

Nazareno, sem dúvida, significa nascido em Nazaré.

É curioso como o “Espírito Santo” inspira os autores bíblicos de forma divergente, em Mateus é afirmado que são dois cegos, em Lucas e Marcos temos um só, inclusive, nesse último autor é citado até o nome dele. E por aí teremos sérios problemas, caso S. Jerônimo esteja certo quando disse: “A Verdade não pode existir em coisas que divergem.”

Vejamos, agora, as referências do Evangelho de Marcos:

Marcos 1,9: *“Nesses dias, Jesus **chegou de Nazaré da Galileia**, e foi batizado por João no rio Jordão.”*

Marcos 1,14: *“Depois que João Batista foi preso, Jesus voltou para a **Galileia**, pregando a Boa Notícia de Deus.”*

Marcos tem que Jesus residia em “sua terra” Nazaré, portanto, não é fora de propósito presumir-se que, por não falar nada dele ter nascido em alguma outra localidade, que essa cidade foi onde ele nasceu. Fato que se pode confirmar levando-se em conta a própria fala de Jesus:

Marcos 6,1-6: “Jesus **foi para Nazaré, sua terra**, e seus discípulos o acompanharam. Quando chegou o sábado, Jesus começou a ensinar na sinagoga. Muitos que o escutavam ficavam admirados e diziam: ‘De onde vem tudo isso? Onde foi que arranjou tanta sabedoria? E esses milagres que são realizados pelas mãos dele? Esse homem não é o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, de Joset (39), de Judas e de Simão? E suas irmãs não moram aqui conosco?’ E ficaram escandalizados por causa de Jesus. Então Jesus dizia para eles que **um profeta só não é estimado em sua própria pátria**, entre seus parentes e em sua família. E **Jesus não pôde fazer milagres em Nazaré**. Apenas curou alguns doentes, pondo as mãos sobre eles. E Jesus ficou admirado com a falta de fé deles.”

Na versão Novo Testamento - Loyola, o trecho destacado do versículo 4 tem o seguinte teor: “Um profeta só é estimado fora da sua terra natal” (40), ou seja, aqui temos o próprio Jesus afirmando ser a cidade de Nazaré o local de seu nascimento, que também é o sentido de “sua própria pátria” na versão acima.

Marcos 1,23-24: “Nesse momento, estava na

*sinagoga um homem possuído por um espírito mau, que começou a gritar: 'Que queres de nós, **Jesus Nazareno**? Vieste para nos destruir? Eu sei quem tu és: tu és o Santo de Deus!'. ”*

Até mesmo um espírito mau reconhece Jesus como natural de Nazaré, eis o motivo dele o ter chamado de Nazareno. Nas versões: *Novo Testamento - Loyola, A Bíblia Tradução Ecumênica, Bíblia Sagrada - Santuário, Bíblia Sagrada - Ave-Maria e Bíblia do Peregrino*, lemos “Jesus de Nazaré”, disso deduzimos que seus tradutores entendem que o adjetivo “nazareno” é aplicado a quem é natural de Nazaré.

Apenas para curiosidade: se o homem estava possuído por “**Um**” espírito mau, qual a razão da pergunta “que queres de **nós**”, uma vez que aqui se denota ser mais de um? E não venham com o tal do plural majestático como explicação! Lucas também narra esse episódio (Lucas 4,33-34).

Marcos 1,21: “*Foram à cidade de **Cafarnaum** e, no sábado, Jesus entrou na sinagoga e começou a ensinar.*”

Marcos 2,1: *“Alguns dias depois, Jesus entrou de **novo na cidade de Cafarnaum**. Logo se espalhou a notícia de que Jesus **estava em casa**.”*

Marcos 3,20: *“**Jesus foi para casa**, e de novo se reuniu tanta gente que eles não podiam comer nem sequer um pedaço de pão.”*

Marcos 9,33: *“Quando chegaram à cidade de **Cafarnaum e estavam em casa**, Jesus perguntou aos discípulos: 'Sobre o que vocês estavam discutindo no caminho?'.”*

Sem dar nenhuma notícia de que Jesus tenha se mudado, Marcos já tem Jesus como residindo em Cafarnaum.

Marcos 16,5-6: *“Então entraram no túmulo e viram um jovem, sentado do lado direito, vestido de branco. E ficaram muito assustadas. Mas o jovem lhes disse: 'Não fiquem assustadas. Vocês estão procurando **Jesus de Nazaré**, que foi crucificado? Ele ressuscitou! Não está aqui! Vejam o lugar onde o puseram'.”*

O jovem vestido de branco diz à Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé que Jesus não estava mais no túmulo, pois havia ressuscitado.

Este jovem, na visão de Mateus era um anjo, que desceu do céu (Mateus 28,2-3), dessa forma, temos que o plano espiritual confirma que Jesus é de Nazaré e não de Belém.

Seguindo com a nossa análise, vejamos o Evangelho de Lucas:

Lucas 1,26-27: *“No sexto mês, **o anjo Gabriel foi enviado** por Deus a uma cidade da Galileia chamada **Nazaré**. Foi a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José, que era descendente de Davi. E o nome da virgem era Maria.”*

Lucas 2,39-40: *“Quando acabaram de cumprir todas as coisas, conforme a Lei do Senhor, **voltaram para Nazaré**, sua cidade, que ficava na Galileia. O menino crescia e ficava forte, cheio de sabedoria. E a graça de Deus estava com ele.”*

Lucas 2,51: *“Jesus desceu então com seus pais para **Nazaré**, e permaneceu obediente a eles. E sua mãe conservava no coração todas essas coisas.”*

Em todos esses passos é fato incontestável que a família de Jesus morava em Nazaré, inclusive,

o anjo enviado para avisar Maria sobre os futuros acontecimentos foi a Nazaré, cidade onde ela morava.

O ponto que se há de resolver é que, conforme as supostas profecias o Messias nasceria em Belém, assim Lucas apresenta como justificativa um fictício recenseamento a mando de César Augusto, conforme se vê no passo a seguir.

*Lucas 2,1-7: “Naqueles dias, o imperador Augusto publicou um decreto, ordenando o recenseamento em todo o império. Esse primeiro recenseamento foi feito quando Quirino era governador da Síria. Todos iam registrar-se, cada um na sua cidade natal. José era da família e descendência de Davi. **Subiu da cidade de Nazaré, na Galileia, até à cidade de Davi, chamada Belém, na Judeia, para registrar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. Enquanto estavam em Belém, se completaram os dias para o parto, e Maria deu à luz o seu filho primogênito. Ela o enfaixou, e o colocou na manjedoura, pois não havia lugar para eles dentro da casa,”***

Em ***As Várias Faces de Jesus***, Geza Vermes

(1924-2013) dá a seguinte opinião a respeito do mencionado recenseamento:

Não há registro de nenhum censo imperial na época de Augusto. **Houve um recenseamento fiscal na Judeia em 6/7 d.C. sob Quirino**, governador da Síria, após a deposição de Herodes Arquelau e a transformação de sua etnarquia na província romana da Judeia. Porém, **nenhum censo romano teria sido imposto a um rei dependente como Herodes, e tampouco Quirino foi governador da Síria durante a vida de Herodes**. Finalmente, **mesmo que tenha havido um censo na época do nascimento de Jesus, José não teria sido obrigado, sob as leis romanas, a viajar para a terra ancestral de sua tribo, e tampouco Maria teria sido obrigada a acompanhá-lo**. Lucas parece ter combinado o censo que de fato houve sob Quirino, cerca de doze anos após o nascimento de Jesus, com o seu roteiro teológico. ⁽⁴¹⁾

Além disso, acreditamos que o jornalista A. N. Wilson tem razão quando, em ***Jesus, o Maior Homem do Mundo***, disse:

[...] Nenhum historiador antigo, por exemplo, faz a menor alusão a esse recenseamento universal ordenado pelo imperador Augusto.

Josefo, em seu Antiquidades, menciona um recenseamento ocorrido na Judeia no ano 6 da EC e diz que tinha por finalidade contar cabeças antes do lançamento de uma capitação. A impopularidade desse imposto, e do recenseamento, provocou a insurreição chefiada por Judas de Gamala (mencionada pelo próprio Lucas nos Atos dos Apóstolos). (Atos, 5:37. Vide supra, 26). A finalidade desse recenseamento era puramente estatística. **Não há razão para supor que qualquer uma das pessoas que foram contadas tenha recebido ordem de voltar à aldeia onde algum putativo antepassado teria residido mais de mil anos antes.** ⁽⁴²⁾

E dele ainda temos:

[...] O Evangelho, segundo Lucas, fixa-a especificamente numa época em que César Augusto exigiu que todos os indivíduos no Império Romano fossem submetidos a um recenseamento. Isso aconteceu no tempo em que Quirino era governador da Síria (Lucas, 2:2). Herodes, na época, era rei da Judeia (Mateus, 2:1). Esse fato aparentemente estabeleceria com grande precisão o nascimento de Jesus, até descobirmos **que Herodes faleceu quatro anos antes da era cristã e que Quirino não foi governador da Síria durante o reinado de Herodes.** Nenhum historiador do Império Romano faz a menor referência a um recenseamento universal durante o

reinado do imperador Augusto, embora Flávio Josefo nos informe, no seu *Antiguidades judaicas*, que, de fato, houve um recenseamento na Judeia no ano 6 da era cristã. ⁽⁴³⁾

Por outro lado, é difícil acreditar que José, nem qualquer outra pessoa daquela época, fosse capaz de lembrar de seus antepassados que viveram até mil anos antes dele. É preciso levar em conta que, naquele tempo, muito provavelmente, não existiam registros nos quais pudesse apoiar-se para saber de sua árvore genealógica ancestral, que retroagia até o rei Davi. É o que, em ***Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?***, nos afirma Bart D. Ehrman:

Os problemas históricos em Lucas são ainda maiores. Para começar, nós **temos registros relativamente confiáveis do reinado de César Augusto, e em nenhum deles há qualquer referência a um censo do império inteiro, para o qual todos teriam de se registrar retornando ao lar de seus ancestrais.** E como isso poderia ter sido imaginado? José retorna a Belém porque seu ancestral Davi tinha nascido lá. Mas Davi viveu mil anos antes de José. **Devemos imaginar que no império romano todos deveriam retornar ao lar de seus ancestrais de mil anos antes?** Se fizéssemos um censo mundial hoje e cada um de

nós tivesse de retornar à cidade de nossos ancestrais de mil anos antes, para onde *você* iria? Você consegue imaginar a absoluta perturbação da vida humana que esse tipo de êxodo universal exigiria? E consegue imaginar um projeto desse porte não ser mencionado em nenhum jornal? Não há nenhuma referência a um censo assim em qualquer fonte antiga, a não ser em Lucas. Então por que ele diz que esse censo aconteceu? A resposta pode parecer óbvia. **Ele queria que Jesus nascesse em Belém, embora soubesse que era de Nazaré. Mateus também, mas ele fez com que Jesus nascesse lá de modo diferente.**
(⁴⁴)

São grandes, portanto, os problemas com os quais nos defrontamos, caso façamos opção de seguir as narrativas bíblicas preterindo os registros históricos.

Apenas para deixar registrada outra curiosidade a respeito de Jesus, vejamos o seguinte passo:

*Lucas 2,41-47: “Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, para a festa da Páscoa. Quando o menino completou **doze anos**, subiram para a festa, como de costume. Passados os dias da Páscoa, voltaram, mas o*

*menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais o notassem. Pensando que o menino estivesse na caravana, caminharam um dia inteiro. Depois começaram a procurá-lo entre parentes e conhecidos. Não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém à procura dele. Três dias depois, **encontraram o menino no Templo. Estava sentado no meio dos doutores, escutando e fazendo perguntas. Todos os que ouviam o menino estavam maravilhados com a inteligência de suas respostas.***"

Então, todos nós acreditamos piamente nessa história, entretanto, o estudioso Geza Vermes trata essa história sobre os conhecimentos extraordinários de Jesus de doze anos junto aos doutores da lei como também uma lenda ⁽⁴⁵⁾.

Lucas 3,23: *"Ao iniciar o ministério, Jesus tinha mais ou menos trinta anos e era, **conforme se supunha**, filho de José, filho de Eli."*

Não vamos nem entrar no mérito de que em Mateus o pai de José é Jacó, e não Eli como aqui em Lucas, porquanto tem algo mais interessante para vermos.

Observe, caro leitor, que o autor Lucas não quis colocar a mão no fogo sobre quem era verdadeiramente o pai de Jesus, pois dizer que “*conforme se supunha*”, não é a mesma coisa que afirmar que é.

Por outro lado, aqui caímos num outro problema, pois se Jesus não for filho carnal de José, e, no caso, pensa-se que é filho do Espírito Santo, via de consequência, ele também não era descendente de Davi, fato que, obviamente, não faria dele o Messias esperado.

Lucas 4, 14-16: “*Jesus voltou para a **Galileia**, com a força do Espírito, e sua fama espalhou-se por toda a redondeza. Ele ensinava nas sinagogas, e todos o elogiavam. **Jesus foi à cidade de Nazaré, onde se havia criado.** Conforme seu costume, no sábado entrou na sinagoga, e levantou-se para fazer a leitura.”*

Ao que tudo indica, aqui já temos Jesus residindo em outra cidade; é bem provável que seja Cafarnaum, como dito por Mateus e Marcos.

Um fato que achamos interessante aqui é que

Jesus “*levantou-se para fazer a leitura*”, porquanto, contrariamente, João afirma que ele “*nunca estudou*” (João 7,15), embora, bem contraditório, no episódio da mulher adúltera (João 8,1-11), o próprio João tenha colocado Jesus escrevendo no chão (v. 6 e 8).

Lucas 23,5-6: “*Eles, porém, insistiam: 'Ele está provocando revolta entre o povo, com seu ensinamento. Começou na Galileia, passou por toda a Judeia, e agora chegou aqui'. Quando ouviu isso, Pilatos perguntou se **Jesus era galileu.***”

Galileu, obviamente, por ter nascido na Galileia, região onde se localizava Nazaré, portanto, mais uma afirmativa de que Jesus não era mesmo de Belém, que fica na Judeia.

E a respeito do costume de se colocar a denominação da cidade de nascimento junto ao nome da pessoa, vejamos:

Lucas 23,50-51: “*Havia um homem bom e justo, **chamado José**. Era membro do Conselho, mas não tinha aprovado a decisão, nem a ação dos outros membros. **Ele era de Arimateia, cidade da Judeia**, e esperava a*

vinda do reino de Deus.”

Marcos 15,42-43: *“Ao entardecer, como era o dia da Preparação, isto é, a véspera do sábado, chegou **José de Arimateia**. Ele era membro importante do Sinédrio, e também esperava o Reino de Deus. José encheu-se de coragem, foi a Pilatos, e pediu o corpo de Jesus.”*

João 19,38: *“**José de Arimateia** era discípulo de Jesus, mas às escondidas, porque ele tinha medo das autoridades dos judeus. Depois disso, ele foi pedir a Pilatos para retirar o corpo de Jesus. Pilatos deu a autorização. Então ele foi e retirou o corpo de Jesus.”*

Nesses passos temos a prova desse costume na época, é por este motivo que se Jesus tivesse nascido em Belém, seria chamado de “Jesus **de Belém**”; porém, como o chamavam de Jesus de Nazaré, é forçoso, por lógica, ter que aceitar que ele era natural de Nazaré.

Lucas 24,19: *“Jesus perguntou: 'O que foi?' Os discípulos responderam: 'O que aconteceu a Jesus, **o Nazareno**, que foi um profeta poderoso em ação e palavras, diante de Deus e de todo o povo.”*

Nazareno, certamente, quer dizer natural de Nazaré, porquanto nas *Bíblias Shedd, Bíblia Sagrada - Ave-Maria, Bíblia Sagrada - Vozes e Bíblia Sagrada - Santuário* em vez de “Jesus, o Nazareno” consta “Jesus de Nazaré”. Além disso, fecha-se com o consenso anteriormente falado ao analisamos Mateus 2,23.

Lucas 4,31: “Jesus **foi a Cafarnaum**, cidade da Galileia, e aí ensinava aos sábados.”

Lucas 7,1: “Depois que terminou de falar todas essas palavras ao povo que o escutava, Jesus **entrou na cidade de Cafarnaum.**”

João 2,11-12: “Foi assim, em Caná da Galileia, que Jesus começou seus sinais. Ele manifestou a sua glória, e seus discípulos acreditaram nele. Depois disso, Jesus **desceu para Cafarnaum** com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos. E aí ficaram apenas alguns dias.”

Lucas e João mostram que Jesus pregava em Cafarnaum, não que residia lá, como Mateus (4,13) e Marcos (2,1; 3,20; 9,33) dizem; apesar deste último não informar que Jesus tenha mudado para essa cidade.

João 1,43-46: “No dia seguinte, Jesus decidiu partir para a **Galileia**. Encontrou Filipe e disse: 'Siga-me'. Filipe era de Betsaida, cidade de André e Pedro. Filipe se encontrou com Natanael e disse: 'Encontramos aquele de quem Moisés escreveu na Lei e também os profetas: **é Jesus de Nazaré, o filho de José**'. Natanael disse: '**De Nazaré pode sair coisa boa?**' Filipe respondeu: 'Venha, e você verá'.”

João 4, 1-3: “Os fariseus ficaram sabendo que Jesus atraía discípulos e batizava mais do que João. (Na verdade, não era Jesus que batizava, mas os seus discípulos). Ao saber disso, Jesus deixou a Judeia e **foi de novo para a Galileia**.”

João 4,43-45: “Dois dias depois, Jesus foi para a **Galileia**. Mas o próprio Jesus tinha declarado: '**Um profeta nunca é bem recebido em sua própria terra**'. Entretanto, quando ele chegou à Galileia, os galileus o receberam bem, porque tinham visto tudo o que Jesus havia feito em Jerusalém durante a festa. Pois eles também tinham ido à festa.”

João 4,46-47: “[...] Ora, em Cafarnaum havia um funcionário do rei que tinha um filho doente. Ele ouviu dizer que **Jesus tinha ido da Judeia para a Galileia**. Saiu ao encontro

de Jesus e lhe pediu que fosse a Cafarnaum curar seu filho que estava morrendo.”

Certamente, que as várias citações da região da Galileia se refere à cidade de Nazaré, até mesmo porque, como vimos, Jesus se referindo a si mesmo disse “*Um profeta nunca é bem recebido em sua própria terra*” (João 4,44). E, aqui também, temos, mais uma vez, Jesus sendo reconhecido como de Nazaré e não de Belém (João 1,45), como se supõe, baseando-se em Mateus e Lucas.

*João 2,1-2: “No terceiro dia, houve uma festa de casamento em Caná da **Galileia**, e a mãe de Jesus estava aí. Jesus também tinha sido convidado para essa festa de casamento, junto com seus discípulos.”*

Segundo conseguimos apurar “Caná da Galileia fica localizada a cerca de treze quilômetros ao norte de Nazaré” ⁽⁴⁶⁾, portanto, na região onde Jesus morava, e, conforme estamos vendo, ele nasceu, razão pela qual foi um dos convidados para a festa de casamento (João 2,1-12). Foi nessa cidade que Jesus de Nazaré iniciou o seu ministério (ver João 2,11).

João 7,25-27: “Algumas pessoas de Jerusalém comentavam: 'Não é este que estão procurando para matar? Ele está aí falando em público, e ninguém diz nada! Será que até as autoridades reconheceram que ele é o Messias? Entretanto, nós sabemos de onde vem esse Jesus, mas, **quando chegar o Messias, ninguém saberá de onde ele vem**'”.

Que interessante, aqui temos algo nitidamente contraditório, pois se diziam que o Messias viria de Belém (João 7,42), como aqui se afirma que “ninguém saberá de onde ele vem”?

João 7,40-42: “Ouvindo essas palavras, alguns diziam no meio da multidão: 'De fato, este homem é mesmo o Profeta!' Outros diziam: 'Ele é o Messias'. Outros ainda afirmavam: '**Mas o Messias virá da Galileia? A Escritura não diz que o Messias será da descendência de Davi e que virá de Belém, povoado de onde era Davi?**'.”

João 7,50-52: “Mas Nicodemos, um dos fariseus, aquele que tinha ido encontrar-se com Jesus, disse: 'Será que a nossa Lei julga alguém antes de ouvir e saber o que ele faz?' Eles responderam: 'Você também é galileu? **Estude**

e verá que da Galileia não sai profeta'."

Em ambas as passagens se confirma que Jesus é da Galileia, região onde se localiza a cidade de Nazaré. Na primeira é até mesmo afirmado, ainda que de forma indireta, que Jesus não é de Belém, fato que vários estudiosos perceberam.

Veremos agora o próprio Mestre dizendo se chamar Jesus de Nazaré:

*João 18,1-12: "Tendo dito isso, Jesus saiu com seus discípulos, e foi para o outro lado do riacho do Cedron, onde havia um jardim. Ele entrou no jardim com os discípulos. Jesus já tinha se reunido aí muitas vezes com seus discípulos. Por isso, Judas, que estava traindo Jesus, também conhecia o lugar. Judas arrumou uma tropa e alguns guardas dos chefes dos sacerdotes e fariseus e chegou ao jardim com lanternas, tochas e armas. Então Jesus, sabendo tudo o que lhe ia acontecer, saiu e **perguntou a eles: 'Quem é que vocês estão procurando?' Eles responderam: 'Jesus de Nazaré'. Jesus disse: 'Sou eu'.** Judas, que estava traindo Jesus, também estava com eles. Quando Jesus disse: 'Sou eu', eles recuaram e caíram no chão. Então Jesus*

perguntou de novo: 'Quem é que vocês estão procurando?' Eles responderam: 'Jesus de Nazaré'. Jesus falou: 'Já lhes disse que sou eu. Se vocês estão me procurando, deixem os outros ir embora'. [...]. Então a tropa, o comandante e os guardas das autoridades dos judeus prenderam e amarraram Jesus."

Por duas vezes Jesus se identifica como Jesus de Nazaré, a quem os guardas procuravam. Portanto se ele é "de Nazaré", não pode ser ao mesmo tempo "de Belém".

Podemos ainda corroborar essa identificação trazendo o depoimento de Pedro, que possivelmente representa o pensamento dos outros discípulos. Em três momentos diferentes, ele disse:

*Atos 2,22: "Homens de Israel, escutem estas palavras: **Jesus de Nazaré** foi um homem que Deus confirmou entre vocês, realizando por meio dele os milagres, prodígios e sinais que vocês bem conhecem."*

*Atos 4,10: "Pois fiquem sabendo todos vocês, e também todo o povo de Israel: é pelo nome de **Jesus Cristo, de Nazaré**, - aquele que vocês*

crucificaram e que Deus ressuscitou dos mortos, - é pelo seu nome, e por nenhum outro, que este homem está curado diante de vocês.”

Atos 10,38: *“Eu me refiro a **Jesus de Nazaré**: Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder. E Jesus andou por toda parte, fazendo o bem e curando todos os que estavam dominados pelo diabo; porque Deus estava com Jesus.”*

Nota-se a particularidade de que é afirmado que Pedro estava “cheio do Espírito Santo” (João 4,8) ao confirmar sobre a sua procedência: *“Jesus Cristo, **de Nazaré**”*. Então, se Pedro inspirado não disse “Jesus Cristo, **de Belém**”, é porque ele, certamente, não procedia da cidade de Davi.

Em relação ao *“A Escritura não diz que o Messias será da descendência de Davi e que virá de Belém, povoado de onde era Davi?”* (João 7,42), na *Bíblia Anotada* temos a seguinte informação: *“da descendência de Davi. Veja 2 Sm 7:12. Belém. Veja Mq 5,2.”* ⁽⁴⁷⁾

Fomos confirmar o que se tem no passo 2

Samuel 7,12 e vimos que nele não há previsão alguma a respeito da vinda de Jesus; na verdade, o que temos é uma profecia a respeito de Davi. Vejamos o teor do passo:

2 Samuel 7,12-13: *“Quando teus dias se cumprirem, e descansares com teus pais, então farei levantar depois de ti o teu descendente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino.”*

Incluímos também o versículo 13, para demonstrar que esse descendente de Davi é o rei Salomão que, segundo o tradutor da *Bíblia Shedd*, reinou Israel de 970 a 931 a.C. ⁽⁴⁸⁾, tendo sido ele quem construiu o Templo de Jerusalém.

Como sabemos, Salomão é filho bastardo do rei Davi, fruto de seu adultério com Betsabeia mulher do soldado Urias, cuja morte foi tramada por ele, que instruiu a seus soldados para deixá-lo sozinho no *front* da batalha contra os amonitas.

O interessante é que na própria ***Bíblia***

Anotada que cita esse passo (2 Samuel 7,12-16), encontramos:

Esta grande aliança que Deus, em graça, estabeleceu com Davi incluía as seguintes provisões: (1) Davi teria um filho que o sucederia e estabeleceria o seu reino, v. 12; (2) esse filho (Salomão), e não Davi, construiria o templo, v. 13a; (3) **o trono do reino de Salomão seria estabelecido para sempre**, v. 13b; (4) embora os pecados de Davi justificassem a disciplina, a misericórdia divina (heb., *hesed*; veja a nota sobre Is 2:19) seria eterna, vv. 14-15; (5) a casa, o reino e o trono de Davi seriam estabelecidos para sempre (v. 16). [...]. ⁽⁴⁹⁾

Como distorcem as interpretações visando justificar mitos estabelecidos anteriormente, e não bastasse esse, foi também o que aconteceu com o outro (Miqueias 5,1 ou 5,2, dependendo da tradução). Na verdade, pegaram parte de um texto, que fora de seu contexto, pode dar uma ideia falsa do que realmente ele narra. Sobre Miqueias 5,1 ou 5,2, já falamos anteriormente, lá quase no início desse estudo.

João 19,19: *“Pilatos escrever também um*

letreiro e mandou colocá-lo no alto da cruz. Nele estava escrito: 'Jesus de Nazaré, o rei dos Judeus'.”

Teor na versão da *Bíblia Sagrada - Ave-Maria e Novo Testamento - Loyola*; porém, não são unânimes as traduções quanto à denominação de “Jesus de Nazaré”, na *Bíblia Tradução Ecumênica* se lê “Jesus, o Nazoreu” e na *Bíblia de Jerusalém* se tem “Jesus Nazareu”, e em todas as outras o que se lê é “Jesus Nazareno” ou “Jesus, o Nazareno”, entretanto, pelo que já vimos até aqui, não nos resta alternativa senão considerar a referência como sendo Jesus de Nazaré o nome escrito no letreiro.

Em resumo o que já temos até aqui:

1) Mateus faz Jesus nascer em Belém, local onde morava os seus pais, conta a história da matança das crianças por Herodes e fuga da família de Jesus para o Egito e ao voltar passa a residir em Nazaré.

2) Para Lucas a família de Jesus morava em Nazaré, e para que Jesus nascesse em Belém apresenta um suposto recenseamento ordenado por

César Augusto, pelo qual as famílias deveriam voltar às cidades de origem dos seus antepassados, mesmo que eles tenham vivido mil e tantos anos antes.

3) Marcos, no início do seu relato, coloca Jesus partindo de Nazaré para ir ao encontro de João Batista, do que se pode concluir que para ele essa era a cidade de nascimento de Jesus, pois caso não fosse ele, certamente, teria informado sobre isso.

4) Em João o relacionamento de Jesus com Nazaré acontece quando ele inicia o recrutamento dos seus discípulos, e um deles, Natanael, o reconhece como sendo de Nazaré.

5) Pelo que se depreende dos textos dos Evangelhos o povo, os discípulos, Pilatos e o próprio Jesus todos o reconhecem como sendo de Nazaré, inclusive, não há um só passo em que ele é chamado de Jesus de Belém.

Assim, diante disso tudo, particularmente, concluímos que Jesus é natural de Nazaré e não de Belém como nos querem fazer crer alguns

interpretadores bíblicos, certamente, para justificarem dogmas instituídos pelas suas correntes religiosas ou calcados apenas nas tradições.

Porventura, teria algum profeta dito: “Ele será chamado nazareno”?

Certamente, que esse é outro questionamento que não poderemos deixar de fazer, uma vez que pesquisando na Bíblia não encontramos nenhuma profecia que tenha afirmado isso.

Como vimos, Mateus, no capítulo 2, narra que José, juntamente com Maria, fugiu de Belém para o Egito, por conta de um aviso de um anjo sobre o desejo de Herodes em matar Jesus, o recém-nascido, pois o rei temia que um dia essa criança pudesse vir a tornar-se o rei dos judeus.

Quanto ao retorno do Egito, se fala que, em vez de voltar à cidade em que moravam, dirigiram-se para a cidade de Nazaré: *“Foi [José] morar na cidade de Nazaré, para que se cumprisse deste modo o que tinha sido dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno. (Mateus 2,23)*

E, obviamente, nesse passo, o vocábulo “Nazareno” é relacionado a alguém que, se não é natural de Nazaré, pelo menos mora nela, justificando o que o próprio autor de Mateus relatou no início do versículo.

Vejamos as explicações dadas pelos tradutores e exegetas bíblicos:

1) ***Bíblia Sagrada - Santuário:***

A palavra “Nazareno” pode ter um duplo sentido: habitante de Nazaré e “Nazir”, isto é, consagrado a Deus por um voto (cf. Lv 21,12; Jz 23,57). Talvez Mt quisesse literariamente visar os dois sentidos: **Jesus é de Nazaré** e é consagrado especialmente ao Senhor. ⁽⁵⁰⁾.

2) ***Bíblia Sagrada Ave-Maria:***

[*Ele será chamado Nazareno*] Esta frase não se encontra no Antigo Testamento. Mas, **Nazareno parece ser um qualificativo que significa desdém.** Os profetas, sobretudo **Isaías**, anunciavam um Servo de Deus humilde e desprezado. **O adjetivo provém, sem dúvida, do nome de Nazaré.** Serviu para designar os cristãos (Atos 24,5). ⁽⁵¹⁾

3) **Bíblia Sagrada - Paulinas 1980:**

Pelos profetas: a expressão vaga indica que Mateus não pretende citar nenhum profeta determinado, mas talvez o conjunto das profecias que no Antigo Testamento **se referem à vida humilde, oculta e desprezada aos olhos dos homens**, que o Messias viverá em Nazaré (cf. Jo 1,46), cidadezinha desconhecida e desprezada pelos próprios judeus. ⁽⁵²⁾

4) **Bíblia Anotada:**

Ele será chamado Nazareno. Provavelmente “nazareno” é um sinônimo para “desprezível” ou “desprezado”, já que Nazaré era o lugar mais improvável para a residência do Messias (cf. Is 53,3; Sl 22,6). ⁽⁵³⁾

5) **Bíblia de Jerusalém:**

“Nazareu” (*nazôraios* forma usada por Mt, Jo e At) e o seu sinônimo “nazareno” (*nazarênos*, forma usada por Mc; Lc tem as duas formas) **são duas transcrições correntes do mesmo adjetivo aramaico (nasraya), derivado de nome da cidade de Nazaré (Nasrath). Aplicado primeiro a Jesus – indicando sua origem (26,69.71) – e**

depois aos seus sequazes (At 24,5), esse termo ficou como designativo dos discípulos de Jesus no mundo semítico, enquanto no mundo greco-romano prevaleceu o nome “cristão” (At 11,26). [...]. ⁽⁵⁴⁾

E no **Dicionário Bíblico Universal** encontramos:

Nazareno – Tradução comum para duas palavras gregas: *nazarenos* e *nazoraíos*, usadas indistintamente nos escritos do Novo Testamento. É uma espécie de termo de estado civil aplicado a Jesus, que não implica a fé cristã mas é aceitável para ela (Mc 14,67; 16,6; Jo 18,5).

Sob a forma nazarenos **é fácil de compreendê-lo como “habitante de Nazaré”**, daí as traduções usuais (Mc 1,24 etc.). Esta forma é a única usada por Marcos, e às vezes por Lucas (Lc 4,34; 24,19); nunca pelos outros livros. ⁽⁵⁵⁾

No **Dicionário Prático**, constante da Bíblia Sagrada – Barsa, se lê:

Nazareno. **Aquele que é de Nazaré**. Muitos assim chamaram a Jesus, pois em Nazaré passou toda sua vida oculta, desde a volta do Egito até o início do seu ministério (Mt 2,23). Os judeus davam também este nome aos primeiros cristãos (At

24,5)". (56)

Verdadeira torre de Babel! Nada é preciso, baseiam-se apenas no “pode ter”, “talvez”, “provavelmente”, ou seja, ninguém tem certeza de coisa alguma; fica tudo por conta da imaginação de cada tradutor, ou de quem lê a passagem.

Ao que nos parece, o consenso é que o adjetivo “Nazareno”, aplicado a Jesus, está mais para designar a sua origem do que qualquer outra coisa, inclusive, o próprio autor de Mateus coloca Jesus indo habitar Nazaré para relacioná-lo a esse adjetivo.

A rigor, é mais lógico aplicá-lo a quem nasceu em Nazaré; porém, é certo que a principal preocupação desse autor era relacionar Jesus a uma suposta profecia do que ser lógico e coerente em seus relatos.

Vejamos agora as “prováveis” profecias que, segundo os tradutores bíblicos, se enquadrariam à passagem. Analisemos quatro trechos de Isaías e um de Salmos.

Isaías 11,1: *“Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará de suas raízes.”*

Explicando Isaías 11,1-9, informam-nos:

Isaías projeta para o reinado de Ezequias o ideal utópico de uma sociedade que chegou à realização plena (cf. 6,14, 7,14 e nota em 8,23b-9,6). Esse reinado se fundará no total espírito de Javé (sete dons), que fará surgir uma sociedade **alicerçada na justiça, produzindo paz e harmonia**. O Novo Testamento vê o cumprimento do oráculo na pessoa de Jesus (cf. Mt 3,16): é a partir da ação dele que se constrói o mundo novo, onde todas as coisas se reconciliam (Ef 1,10; Cl 1,20) ⁽⁵⁷⁾

Se “Isaías projeta para o reinado de Ezequias” não há que se estabelecer qualquer relação com Jesus, a não ser por contradição à realidade da época, fugindo, sem razão, do contexto da passagem. Como na nota acima é dito “onde todas as coisas se reconciliam”, vale uma perguntinha: onde todas as coisas se reconciliam, se constantemente as facções religiosas vivem se digladiando, visando impor seus pontos de vista?

Isaías 42,6: *“Eu, Iahweh, te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modelei, eu te constituí como aliança do povo, como luz das nações.”*

Citando Isaías 42,1-9, esclarecem-nos:

É o primeiro “cântico do Servo de Javé”. **Quem é esse Servo?** De início, provavelmente, uma pessoa; depois essa pessoa foi tomada como figura coletiva, **sendo aplicada a todo o povo** pobre e fiel. O Servo é a grande novidade que Javé prepara: o missionário escolhido que, graças ao Espírito de Javé, recebe a missão de fazer que surja uma sociedade conforme a justiça e o direito. Ele não submeterá os fracos ao seu domínio, mas o seu agir acabará produzindo uma transformação radical: os cegos enxergarão e os presos serão libertos. **Os evangelhos aplicam a Jesus a figura do Servo** (cf. Mt 3,17 e paralelos; 12,17-21; 17,5)
(⁵⁸)

Novamente temos o “aplicam a Jesus”, uma coisa que não tem nada a ver com Ele, já que, conforme já o dissemos, a esperança de Isaías era para o reinado de Ezequias.

Já que falamos em Servo, e como este termo é sempre utilizado, vamos ver, nas explicações dadas

sobre o livro de Isaías, o seguinte:

Os capítulos 40-55 foram escritos por profeta anônimo, na época do exílio na Babilônia, apresentando uma mensagem de esperança e consolação. Esse profeta é comumente **chamado Segundo Isaías**. O fim do exílio é visto como um novo êxodo e, como no primeiro, Javé será o condutor e a garantia dessa nova libertação. **O povo** de Deus, convertido, mas oprimido, **é denominado “Servo de Javé”**. ⁽⁵⁹⁾

Merecem destaque os “Cânticos do Servo de Deus” (42, 1-4; 49, 1-6; 50, 4-9a; 52, 13-53, 12). Neles se descreve a vocação do Servo, sua missão de pregador, sua função mediadora da salvação para os homens e, especialmente, o caráter expiatório de seus sofrimentos e de sua morte. **O Servo às vezes parece ser Israel como povo, ou enquanto elite; outras vezes um indivíduo, talvez o profeta dos poemas, o rei Ciro, o rei Joaquim ou outro personagem qualquer**. ⁽⁶⁰⁾

Assim, conforme estamos vendo, a expressão “Servo de Deus” não poderia ser aplicada a Jesus, como alguma coisa relacionada a uma profecia, já que o termo é específico para uma determinada situação local, sem qualquer vinculação com algum

evento num futuro longínquo, muito menos relacionado ao Messias.

Isaías 49,8: *“Assim diz Iahweh: No tempo do meu favor te respondi, no dia da salvação te socorri. Modelei-te e te pus aliança do povo a fim de restaurar a terra, a fim de redistribuir as propriedades devastadas.”*

Ao explicar Isaías 49,1-9a, dizem-nos:

É o segundo “cântico do Servo de Javé” (cf. nota em 42,1-9). Aqui se descrevem as características da missão profética: desde o início (ventre), **o Servo recebe a missão (o nome) de anunciar a palavra de Javé para reunir e restaurar seu povo disperso.** Esta restauração implica reunir e organizar o povo, liderando-o no movimento da libertação: isso implica a reorganização político-social e a justa distribuição de terras (vv. 8-9a). Mas a missão do Servo ultrapassa as fronteiras de uma nação, pois fará com que o povo da aliança se torne luz para os outros povos. ⁽⁶¹⁾

Aqui, igualmente, não vemos nenhuma profecia; é algo para aquela época; portanto, também nada tem a ver com algum evento no futuro

que poder-se-ia aplicar a Jesus.

Isaías 53,2: *“Ele cresceu diante dele como renovo, como raiz em terra árida; [...]”*

Lemos:

Em Is 11,1.10, as imagens do renovo e da raiz acompanham o anúncio festivo do Messias davídico. Aqui, elas apenas evocam o aspecto humilde e mísero do Servo. ⁽⁶²⁾

O trecho compreendido entre Isaías 52,13-53,12, ou seja, do versículo 13 do capítulo 52 ao versículo 12 do capítulo 53 é explicado da seguinte forma:

Estes versículos apresentam o Servo sofrendo vicariamente pelos pecados dos homens. A interpretação judaica tradicional entende a passagem como uma referência ao Messias, como, é claro, fizeram os primeiros cristãos, que criam ser Jesus o referido Messias (At. 8, 35). Não foi senão no século XII que surgiu a opinião de que **o Servo aqui se refere à nação de Israel**, opinião que se tornou dominante no Judaísmo. O Servo, todavia, é distinto do ‘meu povo’ (53, 8), e é uma vítima inocente, algo que não se podia dizer da nação

(53, 9). (63)

Interessante que querem, de todas as maneiras, desvirtuar o texto para aplicá-lo a Jesus, quando, em verdade, se refere especificamente à nação de Israel.

Salmo 22,6 (7): *“Quanto a mim, sou verme, não homem, riso dos homens e desprezo do povo;”*

Esse Salmo é de autoria de Davi, no qual faz referência a ele mesmo; portanto, não é uma profecia a respeito de ninguém.

Geza Vermes, professor da Universidade de Oxford, considerado um dos maiores especialistas acadêmicos sobre Manuscritos do Mar Morto e história do cristianismo, na obra **Natividade**, explica o versículo “[Ele] *será chamado Nazareno*” (Mateus 2,23), diz:

Enquanto a descendência davídica de Jesus é um tema recorrente bem estabelecido nos Evangelhos, especialmente nos Sinóticos, sua proveniência da Judeia parece ser mais de uma

vez ignorada ou contestada. As pessoas o viam não como sulista, mas como nascido e criado na Galileia. **Ele era chamado de Jesus, o Nazareno, isto é, originário de Nazaré, ou, por extenso, o profeta Jesus de Nazaré da Galileia (Mt 21,11).** Nazaré e a região do lago da Galileia era sua *patris*, o que pode significar igualmente seu lugar de nascimento, sua cidade e sua pátria (Mc 6,4; Mt 13,57; Lc 4,24, Jn 1,46). **Obviamente, alguns judeus locais se recusaram a aceitá-lo como o Messias justamente porque sabiam que ele era da Galileia e não “de Belém, a cidade onde vivia Davi” (Jo 7,41-42).** Ademais, eles expressavam o preconceito sem dúvida originário da Judeia, segundo o qual nenhum grande profeta provinha da Galileia (Jo 7,52). Devemos reconhecer, portanto, que estamos em um impasse: o nascimento em Belém é asseverado com certeza teológica, mas é questionado no que parece ser conhecimento factual. ⁽⁶⁴⁾

Tudo isso aponta para que o termo nazareno signifique realmente “nascido em Nazaré”. É certo que isso não agrada a muitos, especialmente os que se apegam demais à letra.

Jesus: o nazareno ou o nazireu?

Nazareno ou nazireu qual desses dois termos deve ser aplicado a Jesus?

Werner Keller, em *E a Bíblia tinha razão...*, esclarece:

Da mesma forma, inexistente qualquer prova histórica ou arqueológica da “fuga para o Egito”, como tampouco existe prova da estada de Jesus em Nazaré. Aliás, **a rigor, a Bíblia cita Jesus por muito mais vezes como “nazireu” do que “nazareno”, e “nazireu” pode ter vários significados, mas normalmente não define o “homem de Nazaré”**. Essa última interpretação poderia ser deduzida somente de maneira indireta, de um trocadilho com a palavra hebraica “nezer” = “vara”, veja Isaías 11,1; “Sairá uma vara do tronco de Jessé e uma flor brotará da sua raiz”. De fato, o Evangelho de São Mateus torna a citar o termo controvertido “nazareno” no contexto de uma profecia: “...e, chegando, habitou uma cidade chamada Nazaré, cumprindo-se desse modo o que tinha sido predito pelos profetas, que seria lá chamado Nazareno” (Mateus 2,23). Isso em nada facilita as coisas, pois não deixa bem claro a que

profetas o texto se refere (a não ser Isaías, autor das palavras supracitadas). Talvez se pretenda estabelecer um certo nexu com o termo “nazireu” (“consagrado a Deus”, qualificação outrora atribuída a Sansão (Juízes 13,5 e 7, 16,17)), que exigiu uma certa ascese por parte da pessoa assim qualificada (ele devia observar determinados tabus); contudo, tal conjetura não deixará de implicar em certos problemas filológicos. Assim, também, aí torna a surgir um sinal de interrogação, e a esse respeito cumpre não silenciar o fato de **alguns cientistas interpretarem os pronunciamentos dos Evangelhos, mencionando Nazaré** como “cidade da infância e juventude” de Jesus, **como meras construções, relacionadas com o título “nazireu”,** não muito bem compreendido pelos evangelistas, os quais, por causa disso, reinterpretem-nos e sumariamente o substituíram por “nazareno”. [...]. ⁽⁶⁵⁾

Roméro da Costa Machado, em ***A Sociedade Secreta de Jesus***, deixa claro que:

Para efeito de argumentação, vamos conceder o benefício da dúvida e admitir que Mateus estivesse com falhas mentais (pois ele era contemporâneo de Jesus e que quando teoricamente escreveu o seu evangelho, logicamente já tinha mais de 80 anos) e com isso não se lembrou ou “confundiu” que Nazaré (a cidade) não existia quando Jesus nasceu, mas tão somente o lago de Genesaré.

Entretanto, como **Mateus pode ter “confundido”, novamente, Nazareno (nascido em Nazaré) com Nazireu (de Nazir), que é um judeu que tomou os votos de sacrifícios especiais, de não beber vinho, não comer uvas e não cortar os cabelos**, que não era o caso de Jesus, pois Jesus era essênio, e como tal era adepto da eucaristia, do ritual do pão e do vinho, e comia uvas. Não podendo, por isso mesmo, ser um Nazireu.

A profecia do Antigo Testamento a respeito do Nazireu, refere-se a Sansão e não a Jesus. Dessa forma, Mateus ao “confundir” a profecia do Antigo Testamento sobre **Sansão, que era Nazireu, que não bebia vinho, não comia uvas e não cortava os cabelos, com Jesus**, chamando-o de Nazareno, não é o que se pode dizer como um caso do acaso, quando a má fé e má intenção estão bastante claras. Mas **o pior de tudo é dizer que cumpriu-se a profecia do Antigo Testamento afirmando que o messias se chamaria Jesus**, quando os nomes de “Jesus”, assim como Nazaré, sequer são citados no Antigo Testamento. Muito pelo contrário, o messias, segundo o Antigo Testamento, não viria de Nazaré e sim de Belém e deveria chamar-se Emmanuel, conforme:

Isaías (7:14) “Por isso mesmo, o Senhor, por Sua conta e risco, vos dará um sinal: Olhai: A jovem (palavra correta) mulher está grávida e dará a luz a um filho, por-lhe-á o nome de Emmanuel”.

Portanto, a mãe de Jesus, Maria, era uma jovem

mulher (“almah”, que não quer dizer virgem), e não uma virgem (“bethulah”), e Jesus de Nazaré, não era de Nazaré (e nem de Belém) e não se chama Emmanuel conforme previsto pelas profecias de Isaías no Antigo Testamento. Ou seja, as profecias alegadas por Mateus como tendo sido cumpridas, jamais se realizaram (mesmo ele “prevendo” isso 70 anos depois do acontecimento). As profecias de Isaías, no Antigo Testamento também não se realizaram, pois Jesus chama-se Jesus e não Emmanuel. ⁽⁶⁶⁾

Russel Norman Champlin (1933-2018) e João Marques Bentes, autores de ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - vol. 4***, explicam sobre o termo “Nazareno” o seguinte:

Esse adjetivo significa “natural de Nazaré”. Essa palavra é usada no Novo Testamento referindo-se somente a Jesus, o qual tanto assim se chamou quanto foi chamado pelos outros. Ver Mat. 2:23, onde se lê que havia uma predição que dizia que Jesus seria chamado Nazareno. Mas **a palavra também é usada no plural, em Atos 24:5, onde está em foco a seita dos “nazarenos”, isto é, os seguidores de Jesus.** Isso mostra que Jesus foi chamado de “o nazareno” por parte de outras pessoas, amigas e inimigas, igualmente. Visto que o Antigo Testamento não menciona em parte alguma a

cidade de *Nazaré*, ali também não se lê qualquer coisa sobre os possíveis nazarenos. **Acresça-se a isso que alguns intérpretes têm confundido o significado de nazareno com o significado de nazireu (ver Núm. 6:1-21)**. No entanto, é possível que esteja em vista o termo hebraico *netser*, “ramo”, pois Jesus, em diversos trechos bíblicos é chamado de “renovo de Jessé”, ou seja, alguém pertencente à linhagem de Davi.

[...].

O título Nazareno, ainda que para nós seja um título famoso, por causa de Jesus Cristo, nos dias dele geralmente **era usado como termo de menoscabo** (ver João 1:45 7:52). No plano terreno, Jesus não foi alguma árvore grandiosa, um filho reconhecido da casa real de Davi; mas tão somente um renovo de Jessé. No entanto, sua grande estatura espiritual finalmente propagou a sua fama pela terra inteira. Conforme dissemos acima, **alguns comentadores relacionam a palavra “nazareno” aos indivíduos que, no Antigo Testamento, são chamados “nazireus”** (ver Núm. 6:2; 12:18-20), os quais faziam certos votos difíceis de serem cumpridos, votos de consagração a Deus. Tais comentadores, pois, aplicam essa ideia a Cristo, imaginando que, na qualidade de nazareno, ele teria o mesmo propósito que tinham os nazireus. Assim interpretam Tertuliano, Jerônimo, Erasmo, Calvino e outros intérpretes modernos. Mas, a despeito dessa interpretação envolver uma aplicação útil, não parece que Mateus quisesse destacar tal

coisa, em 2:23 de seu evangelho. Acrescente-se a isso que, tanto no hebraico quanto no grego, *nazareno* e *nazireu* têm grafia diferente. Também há alguma razão na interpretação que diz que Jesus seria desprezado, como habitante da obscura cidade de Nazaré. Todavia, não parece ser isso o que o autor sagrado quis destacar nessa passagem. O que ele realmente queria era mostrar que Jesus pertencia à família de Jessé, como o Renovo de Davi, e, secundariamente, que o lugar onde Jesus residiu como criança, e onde também deu início ao seu ministério, fora escolhido por Deus, apesar das diversas circunstâncias que poderiam ter servido de obstáculo a esse ministério.

Quanto à expressão “**Jesus de Nazaré**”, ver Marc. 10:47; Luc. 24,19. Os espíritos imundos assim chamaram a Jesus (Mar. 1:24; Luc. 4:34), tal como o fizeram os anjos que anunciaram a sua ressurreição (Mar. 16:6). É os trechos de Mat. 26:71 e Mar.14:67 mostram que essa expressão **foi usada pejorativamente pelos inimigos de Jesus**. E acabou sendo dada, como apelido de menosprezo à comunidade cristã (Atos 24:5). E Jesus continuou a ser vinculado a Nazaré, mesmo após a sua ressurreição, pelos seus discípulos (ver Atos 2:22; 3:6; 10:38). ⁽⁶⁷⁾

Carlos Torres Pastorino (1910-1980), na obra ***Sabedoria do Evangelho*** – vol. 1, 6 e 8, nos traz o seguinte esclarecimento:

Após a morte de Herodes, novamente funciona a mediunidade onírica de José: em sonhos um anjo manda-o regressar à “terra de Israel”, como ainda hoje se diz: מִפְּנֵי יְשׁוּעָה José obedeceu de imediato e (segundo Mateus) dispunha-se a regressar a Belém, quando “ouve dizer” que lá governava Arquelaú, filho de Herodes. Instala-se nele o medo. Realmente, à morte de Herodes (4 A. C.) Arquelaú tinha 18 anos; mas como os judeus se opuseram a seu reinado, revoltando-se por não ter sido deposto o sumo sacerdote Joasar, ele mandou matar 3.000 judeus (Josefo, Ant. Jud. XVII, 9, 1). Mas à noite, outro sonho esclarece-o, **indicando-lhe que se dirija à Galileia, “a uma cidade chamada Nazaré”**. Como estamos vendo, essa cidade constituía para Mateus uma “novidade” absoluta. Parece que José e Maria nem a conheciam. **Como conciliar com as palavras de Lucas, de que eles eram da cidade de Nazaré**, isto é, que lá tinham nascido e residiam normalmente? Teria sido mais fácil dizer que do Egito regressaram à *sua cidade de Nazaré*... pois lá eles possuíam casa, a oficina de carpinteiro de José, os parentes e amigos. Entretanto, Mateus desconhece tudo isso, mostra-o desejoso de ir para Belém (fazer o quê?) e só o aviso .em sonho. o faz dirigir-se para Nazaré, como se fora um local que eles pisassem pela primeira vez. E ainda **explica: “para que se cumprisse a profecia, que o chama NAZOREU”**. **Nem é “nazareno”...**

Esse gentílico é usado quatro vezes por Marcos e duas vezes por Lucas. Mas o próprio Mateus emprega duas vezes *nazoreu*, que é utilizado uma

vez por Lucas, três vezes por João, e sete vezes por Atos.

Eram assim chamados (nazoreus) os cristãos por volta do ano 60 (At. 24:5). O Talmud denomina Jesus o NOZRI, e chama os cristãos NOZRIM.

Notemos que **não há profecia alguma que diga dever o Messias ser chamado “nazareno” nem “nazoreu”**. A única frase que poderia ser aplicada seria a de Isaías (11:1) quando diz que “do tronco de Jessé sairá um rebento, e de suas raízes sairá um renovo (= nezêr) que frutificará. E o Espírito de YHWH se deterá nele”. Tendo Mateus apresentado Jesus como o último rebento (o renovo) na genealogia, pode ter feito mentalmente uma aproximação, embora forçada. ⁽⁶⁸⁾

A Palavra “Nazareno” aparece com mais frequência sob a forma “Nazoreu” (*nâshôray* e *nazôraios*, em hebr. e grego). Porém, não se confunda essa palavra com “nazireu”! Com efeito, nos evangelhos temos onze vezes a forma nazoreu (Mt. 2:23 e 26:71; João, 18:5,7, e 19:19; Atos, 2:22; 3:6; 4:10; 6:14; 22:8; 24:5 e 26:9) contra seis vezes a forma “nazareno” (Marc. 1:24; 10:47; 14:67 e 16:6, e Luc. 4:34 e 24:19). Mesmo neste local o texto de Mateus varia nos códices entre *nazarenius* (Vaticano e outros) e *nazoreu* (Sinaítico e outros). ⁽⁶⁹⁾

Segundo João (episódio omitido nos sinópticos) Jesus se aproxima da malta e pergunta “A quem procuram”. A resposta é rápida: **“Jesus, o nazoreu”**. **No original não está “nazareno”**,

forma que só aparece em Marcos (1:24, 10:47; 14:67 e 16:6) e Lucas (4:34 e 24:19). A forma “nazoreu” está em Mateus (2:23 e 26:71), em Lucas (18:37); em João (18:5 e 7 e em 19:19) e nos Atos (2:22; 3:6; 4:10; 6:14; 22:8; 24:5 e 26:9), podendo ler-se o que escrevemos no vol. 1. ⁽⁷⁰⁾

No livro ***A Vida Mística de Jesus***, o autor H. Spencer Lewis, apresenta os seguintes argumentos:

Agora devemos passar a tratar de outra fase da história dos pais de Jesus e Dele mesmo. Em grande parte da literatura cristã **Jesus é chamado de Nazareno, sendo comum acreditar-se que Jesus nasceu ou passou a maior parte de Sua vida em Nazaré**. É estranhável que os estudiosos da literatura bíblica, especialmente os que escreveram tão exaustivamente sobre a vida de Jesus, apresentando em seus ensinamentos e preleções os detalhes pitorescos de Sua vida, nunca tivessem dado a devida atenção ao título de Nazareno nem investigado a sua significação. **Todas essas autoridades, escritores e professores presumiram que, sendo Jesus chamado de Nazareno, deveria ser da cidade chamada Nazaré** e que, visto que Ele e Seus pais viveram na Galileia, a cidade de Nazaré deveria estar localizada naquela região. Com base neste raciocínio, afirma-se, de modo geral, que Nazaré foi a cidade natal dos pais de Jesus e que Nazaré, na Galileia, foi o lugar onde Jesus passou sua

infância.

[...].

Em primeiro lugar, devemos tornar claro que o **título de Nazareno não queria dizer que a pessoa que o tivesse fosse de uma cidade chamada Nazaré**. O título de *Nazareno* era dado pelos judeus a pessoas estranhas que não seguiam sua religião e que pareciam pertencer a um culto ou seita secreta que existira ao Norte da Palestina por muitos séculos; podemos verificar na Bíblia Cristã que o próprio **João Batista era chamado de *Nazareno***. Também encontramos muitas outras referências a pessoas conhecidas como *nazarenos*. Em Atos XXIV:5, encontramos um homem qualquer sendo condenado como provocador de uma rebelião entre os judeus em todo o mundo e sendo chamado de “líder da seita dos nazarenos”. Sempre que os judeus entravam em contato com alguém em seu país que fosse de outra religião, e especialmente se tivesse uma compreensão mística das coisas da vida e vivesse de acordo com um código ético ou filosófico diferente do judaico, chamavam-no de *Nazareno* por falta de um nome mais adequado.

Existiu realmente uma seita chamada Os *Nazarenos*, citada nos registros judaicos como uma seita de *Primitivos Cristãos* ou, em outras palavras, aqueles que eram essencialmente preparados para aceitar as doutrinas cristãs. De fato, os enciclopedistas e autoridades judaicas parecem concordar em que o termo *Nazareno*

abrangia todos os cristãos que haviam nascido judeus, que não desejavam ou não podiam abrir mão de seu antigo modo de vida, mas que tentavam ajustar as novas doutrinas às antigas. As enciclopédias judaicas também afirmam ser bastante evidente que os Nazarenos e os Essênios tinham muitas características em comum, e mostravam, portanto, tendência para o misticismo. Os Essênios e Nazarenos, na verdade, eram considerados *heréticos* pelos judeus cultos, mas existe a seguinte diferença ou distinção no uso destes dois termos: os Essênios não eram tão conhecidos pela população da Palestina como os Nazarenos; um homem dificilmente era chamado Essênio a não ser por pessoas bem informadas, que conhecessem a diferença entre Essênios e Nazarenos, ao passo que muitos Essênios e membros de outras seitas que levavam uma vida peculiar ou não aceitavam a religião judaica eram chamados de Nazarenos.

São Jerônimo, famosa autoridade bíblica, refere-se ao fato de que em seu tempo ainda existia entre os judeus, em todas as sinagogas do Oriente, uma heresia condenada pelos fariseus, cujos seguidores eram chamados de Nazarenos. Ele disse que estes acreditavam que Cristo, o Filho de Deus, havia nascido da Virgem Maria, havia sofrido sob Pôncio Pilatos e ascendido aos céus. “Mas”, disse São Jerônimo, “embora pretendessem ser ao mesmo tempo judeus e cristãos, não eram nem uma coisa nem outra”.

Consultando as mais altas autoridades da Igreja

Católica Romana, vemos que o título de Nazareno, aplicado ao Cristo, só ocorre uma vez na versão da Bíblia feita por Douai, e esta autoridade declara que o termo “Jesus Nazareno” foi uniformemente traduzido como “Jesus de Nazaré”, o que representa um erro de tradução, sendo a forma correta “Jesus, o Nazareno”. Em nenhuma parte do Velho Testamento existe a palavra Nazaré descrevendo uma cidade existente na Palestina, mas no Novo Testamento encontramos referências a Jesus regressando a uma cidade chamada Nazaré. Estas referências resultam da tradução da frase “Jesus voltando aos Nazarenos” para “Jesus retomando a Nazaré”. Um ponto interessante é reforçado pelas autoridades católicas romanas, que dizem que Jesus, embora fosse comumente chamado de Nazareno, não pertencia absolutamente àquela seita.

Reunindo os registros judaicos e católicos romanos e comparando-os com as informações contidas em nossos próprios registros, verificamos que os nazarenos constituíam uma seita de judeus que, embora tentasse seguir os antigos ensinamentos judaicos, acreditava na vinda do Messias, que nasceria de maneira singular e seria o Salvador de sua raça. Depois de iniciado o ministério de Jesus, esses Nazarenos aceitaram Jesus como o Messias e também as doutrinas que Ele pregava, ao mesmo tempo que continuavam a tentar seguir muitos fundamentos de sua religião judaica. Os registros judaicos afirmam que os Nazarenos rejeitaram Paulo, o *Apóstolo dos Gentios*, e que alguns Nazarenos só exaltavam em

Jesus o fato de ser um homem justo.

Outro termo para esses heréticos judeus era "Nazarita". De acordo com as autoridades judaicas, o termo Nazarita foi aplicado àqueles que viviam à parte ou separados da raça Judia, por causa de alguma crença ética, moral ou religiosa distinta. Os registros judaicos dizem que essas pessoas eram, frequentemente, as que não bebiam vinho ou qualquer bebida feita de uvas, ou que não cortavam o cabelo, ou que não tocavam nos mortos durante qualquer cerimônia fúnebre. Os mesmos registros nos dizem que a história ou origem da seita nazarita na antiga Israel é obscura. Afirmam também que Sansão era nazarita, como o fora sua mãe, e que a mãe de Samuel prometera dedicá-lo à seita dos nazaritas. Os registros judaicos também dizem que era comum os pais dedicarem seus filhos menores à seita nazarita, e afirmam claramente haver referências ao fato de que se falava que Jesus fora dedicado aos nazaritas quando ainda estava no ventre de sua mãe. Esses registros judaicos dizem que Lucas I: 15 é uma referência a esta dedicação. A rainha Helena, e Míriam de Palmira são mencionadas como nazaritas nos registros judaicos, e muitas outras pessoas famosas na literatura sacra são apresentadas como nazaritas.

Está claramente indicado em muitos registros históricos que **os termos Nazarita e Nazareno nada tinham a ver com uma cidade ou vila chamada Nazaré**. Dissemos que a atual cidade de Nazaré, na Galileia, recebeu este nome porque

tinha de haver um local que se encaixasse naquilo que se entendia como a aldeia onde viveram os pais de Jesus e onde Ele passou a infância. Durante os primeiros séculos depois de Cristo, quando as doutrinas cristãs estavam se formando e os Santos Padres da Igreja Católica Romana e estudiosos de religião em geral buscavam todos os locais históricos ligados à vida de Jesus, incidentes e pontos ligados à vida deste grande homem foram ansiosamente tabulados e glorificados. Minha recente visita à Palestina deixou bem evidente que este desejo de encontrar locais históricos e sagrados e de glorificá-los não se apagou e provavelmente continuará a existir por centenas de anos. O absurdo desta situação se toma aparente quando o turista casual descobre que três, quatro ou cinco locais diferentes lhe são mostrados, nos quais ocorreu um determinado incidente da vida de Jesus. (71)

Levando-se em conta o que está aqui abordado, sobre esses dois pontos polêmicos, ficamos sem saber para que lado ir, pois se nem os especialistas se entendem, que dirá de nós simples mortais?

Em princípio, mantemos a nossa opinião anterior, por parecer-nos que a maioria das informações tende mais para o que lá concluímos.

Certamente, que jamais iremos impor a nossa maneira de pensar a quem quer que seja, pois se advogamos para nós o direito de livre pensar, somos, moralmente obrigados a dá-lo aos outros.

Conclusão

Em *Jesus*, o autor David Flusser (1917-2000), foi um professor da Universidade Hebraica de Jerusalém de Cristianismo Primitivo e Judaísmo do período do Segundo Templo, disse:

Do ponto de vista histórico, Jesus foi um judeu da Galileia que provavelmente nasceu em Nazaré. Foi certamente ali que ele viveu por cerca de trinta anos, até a época de seu batismo por João (Lc 3:23). Foi batizado em 27/28 d.C. ou em 28/29 d.C. ⁽⁷²⁾ ⁽⁷³⁾

Temos aqui a opinião de um professor universitário e especialista em Cristianismo Primitivo. Em 1980, recebeu o Prêmio Israel por suas contribuições ao estudo da história judaica, razão pela qual, julgamos o que diz bem próximo da realidade.

O teólogo e ex-padre Carlos T. Pastorino, em

Sabedoria do Evangelho - vol. 1, oferece-nos, para o caso, as seguintes explicações:

Então, ainda durante o noivado, José verificou a gravidez (εύ-ρέθη έν γαστρι έχουσα). O fato só pode ter ocorrido depois que Maria regressou da casa de Isabel Ai'n-Karim, para sua aldeia de Nazaré. Mateus silencia a esse respeito, fazendo que o leitor suponha que eles normalmente habitavam em Belém.

Tanto que, mais tarde (2:23) diz que, quando José regressava do Egito para sua casa (Belém), ao saber que Arquelau, filho de Herodes, é que lá reinava, resolveu ir morar na Galileia, a conselho do anjo, na cidade de Nazaré, “para que o menino pudesse realizar a profecia e ser chamado nazareno”. Portanto, **para Mateus, Nazaré era um lugar ainda desconhecido de José e de Maria, ao passo que, para Lucas, Nazaré era a residência normal dos dois.** ⁽⁷⁴⁾

Para nós é muito mais fácil alinhar com o pensamento de Pastorino, tendo em vista que, esse eminente teólogo, não mais preso a dogmas teológicos, procurou apresentar, aos leitores, a verdade dos fatos, baseando-se nos inegáveis conhecimentos de exegese bíblica.

O fato é que, se ficarmos restritos ao texto de Mateus, não haverá alternativa senão aceitarmos que, quando se cita que Jesus foi morar em Nazaré, queria que se entendesse por Nazareno como “homem de Nazaré”, mas ao mencionar que isso foi predito pelos profetas, disse algo que não é verdadeiro, pois, nenhum, mas nem um único só profeta disse textualmente que o Messias seria chamado de Nazareno.

Ademais, quando nos apresentam Isaías como “salvador da pátria”, demonstram falta de análise contextual, ajeitando-se uma passagem que não tem nada a ver com o caso para derrubar a incoerência do texto bíblico objeto deste questionamento.

Embora existam os que acreditam que Nazaré não existiu, optamos para aceitar essa realidade tomando tudo quanto levantamos nessa pesquisa, mas, ainda que isso não seja verdade, o fato é que, sem nenhuma margem a dúvidas, Jesus não nasceu em Belém, insistimos nessa questão.

Referências bibliográficas

- A Bíblia Anotada, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- A Bíblia Tradução Ecumênica, 1ª ed. (?). São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996 (?).
- Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida-SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada, 68ª edição, São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.
- Bíblia Sagrada, s/ed. São Paulo: SBTB, 1994.
- Bíblia Shedd, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.

- Novo Testamento, s/ed. São Paulo: Loyola, 1984.
- ARIAS, J. *Jesus, esse grande desconhecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ASLAN, R. *Zelota: A Vida e a Época de Jesus de Nazaré*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CAVALCANTE, R. *Quem foi Jesus*. In: *Revista Superinteressante*, São Paulo: Abril, edição 183, dez/2002.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 1*. São Paulo: Editora Candeia, 1995a.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 4*. São Paulo: Editora Candeia, 1995d.
- EHRMAN, B. D. *Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?* Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- ESPINOSA, B. *Tratado Teológico-Político*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 7ª ed. 2003.
- KELLER, W. *E a Bíblia Tinha Razão...* São Paulo: Melhoramentos, 2000.
- LENTSMAN, J. A. *A Origem do Cristianismo*. São Paulo: Fulgor, 1963.
- LEWIS, H. S. *A Vida Mística de Jesus*. Curitiba: AMORC, 2001.
- LOES, J. *A Face Humana de Jesus* in: *Revista IstoÉ*, nº 2093, 2009, p. 62-77.

- MACHADO, R. C. *A Sociedade Secreta de Jesus*. São Paulo: Ibrasa, 2004.
- PAGELS, E. *Além de Toda Crença: o Evangelho Desconhecido de Tomé*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho - Vol. 1*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.
- PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho - Vol. 6*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1969.
- PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho - Vol. 8*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1971.
- PUCCINELLI JUNIOR, R. C. *Jesus Ensina as Leis da Criação: Nova Interpretação de Textos Bíblicos*. Embu, SP: Ordem do Graal na Terra, 2006.
- RENAN, E. *Vida de Jesus*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- RODRÍGUEZ, P. *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- SOUZA, J. P. *Três Maneiras de Ver Jesus: a Maneira Histórica, a Mítica Literal e a Mítica Simbólica*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.
- TABOR, J. D. *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- VERMES, G. *As Várias Faces de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- WILSON, A. N. *Jesus, o Maior Homem do Mundo*. São Paulo: Prestígio, 2007.

Periódicos:

Revista IstoÉ, nº 2093, São Paulo: Editora Três,

23/12/2009.

Revista Superinteressante, São Paulo: Abril, edição 183, dez/2002.

Internet

HISTÓRIA E GEOGRAFIA BÍBLICA (site), *Palestina no Novo Testamento*, disponível em:

http://bp0.blogger.com/_5NaAdO2PNK4/SlyOm7DzApl/AAAAAAAAAIM/uNln4aPjyKU/s0-d/PalestinaProvincias.jpg. Acesso em: 11 out. 2022.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *A Fuga do Egito*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/5-assuntos-biblicos/109-a-fuga-para-o-egito>. Acesso em: 09 out. 2022.

WIKIPÉDIA, *Mark Lidzbarski*, disponível em:

https://en.wikipedia.org/wiki/Mark_Lidzbarski. Acesso em: 10 out. 2022.

WIKIPÉDIA, *Nazaré*, disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Nazar%C3%A9>. Acesso em: 11 out. 2022.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. I*; e 7) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*.

b) digitais: 1) *Espiritismo e Aborto*; 2) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. II*, 3) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. III*; 4) *Racismo em Kardec?*; 5) *Espírito de Verdade, quem seria ele?*; 6) *A Reencarnação tá na Bíblia*; 7) *Manifestações de Espírito de pessoa viva (em*

que condições elas acontecem); 8) Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso; 9) Chico Xavier, verdadeiramente uma alma feminina; 10) Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?; 11) Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta; 12) Chico Xavier e Francisco de Assis seriam o mesmo Espírito?; 13) A mulher na Bíblia; 14) Todos nós somos médiuns?; 15) Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas; 16) O Perispírito e as polêmicas a seu respeito; 17) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 18) O fim dos tempos está próximo?; 19) Obsessão, processo de cura de casos graves; 20) Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?; 21) A aura e os chakras no Espiritismo; 22) Os Quatro Evangelhos, obra publicada por Roustaing, seria a revelação da revelação?; 23) Espiritismo: Religião sem dúvida; 24) Allan Kardec e suas reencarnações; 25) Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?; e 26) EQM: prova da sobrevivência da alma.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 HISTÓRIA E GEOGRAFIA BÍBLICA (site), *Palestina no Novo Testamento*, disponível em:
http://bp0.blogger.com/_5NaAdO2PNK4/SlyOm7DzApl/AAAAAAAAIM/uNln4aPjyKU/s0-d/PalestinaProvincias.jpg
- 2 MACHADO, A *Sociedade Secreta de Jesus*, p. 168-169.
- 3 LENTSMAN, A *Origem do Cristianismo*, p. 177.
- 4 LEWIS, A *Vida Mística de Jesus*, p. 57.
- 5 LEWIS, A *Vida Mística de Jesus*, p. 61-63.
- 6 KELLER, *E a Bíblia tinha razão...*, p. 366-367.
- 7 WIKIPÉDIA, Mark Lidzbarski, disponível em:
https://en.wikipedia.org/wiki/Mark_Lidzbarski
- 8 ASLAN, *Zelota: A Vida e a Época de Jesus de Nazaré*, p. 51-52.
- 9 WIKIPÉDIA, *Nazaré*, disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Nazar%C3%A9>
- 10 LOES, *A face humana de Jesus* in: *Revista IstoÉ*, nº 2093, p. 62-77.
- 11 TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 336.
- 12 SOUZA, *Três Maneiras de Ver Jesus: a Maneira Histórica, a Mítica Literal e a Mítica Simbólica*, p. 65.
- 13 SOUZA, *Três Maneiras de Ver Jesus: a Maneira Histórica, a Mítica Literal e a Mítica Simbólica*, p. 104.
- 14 SOUZA, *Três Maneiras de Ver Jesus: a Maneira Histórica, a Mítica Literal e a Mítica Simbólica*, p. 104.
- 15 SOUZA, *Três Maneiras de Ver Jesus: a Maneira Histórica, a Mítica Literal e a Mítica Simbólica*, p. 104.
- 16 SOUZA, *Três Maneiras de Ver Jesus: a Maneira Histórica, a Mítica Literal e a Mítica Simbólica*, p. 67.
- 17 CAVALCANTE, *Quem foi Jesus?* In: *Revista Superinteressante* nº 183, p. 43.
- 18 Nota da Transcrição (N.T.): Mat., XIII, 54 e seg.; Marcos, VI, 1 e seg.; João, I, 45-46.

- 19 N.T.: Mat., XXVI, 71; Marcos, I, 24; XIV, 67; Lucas, XVIII, 37; XXIV, 19; João, XIX, 19; Atos, II, 22; III, 6; X, 38. Comp. João, VII, 41-42; Atos, II, 22, III, 6; IV, 10; VI, 14; XXII, 8; XXVI, 9. Daí o nome de nazarenos (Atos, XXIV, 5), aplicado durante muito tempo aos cristãos pelos judeus, e que os designa ainda em todos os países muçulmanos.
- 20 N.T.: Cap. 14.
- 21 N.T.: Mateus, II, 1, 19,22; Lucas, I, 5. Herodes morreu na primeira metade do ano 750, correspondente ao ano 4 a.C.
- 22 N.T.: Sabe-se que o cálculo q e serve de base à era vulgar foi feito no século VI por Dionísio, o Pequeno. Esse cálculo envolve certos dados puramente hipotéticos.
- 23 RENAN, *Vida de Jesus*, p. 99-100.
- 24 ARIAS, *Jesus, Esse Grande Desconhecido*, p. 50-51.
- 25 WILSON, *Jesus, o Maior Homem do Mundo*, p. 99.
- 26 PAGELS, *Além de Toda Crença: o Evangelho Desconhecido de Tomé*, p. 114.
- 27 WILSON, *Jesus, o Maior Homem do Mundo*, p. 11.
- 28 N.T.: Por outro lado, dado que os Judeus, submetidos ao Império Romano, não podiam aplicar a pena de morte aos seus próprios concidadãos, sem uma autorização explícita do governador imperial, não é razoável pensar-se que Herodes tenha ordenado a matança, como não é provável, caso tal tivesse acontecido, que o rei judeu não tivesse sido castigado pela autoridade romana.
- 29 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*, p. 110-111.
- 30 KELLER, *E a Bíblia Tinha Razão...*, p. 366.
- 31 SILVA NETO SOBRINHO, *A Fuga do Egito*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/5-assuntos-biblicos/109-a-fuga-para-o-egito>
- 32 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1705-1706.
- 33 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 79.
- 34 KELLER, *E a Bíblia Tinha Razão...*, p. 366.

- 35 N.T.: O faraó de fato tencionava matar os hebreus recém-nascidos do sexo masculino, mas não para se ver livre de uma criança chamada Moisés, e sim porque achava que o povo escravizado estava se tornando muito numeroso, o que poderia ser perigoso para o país. Ao leitor que desejar conhecer detalhes dessa história indicam-se as obras Aspectos do Antigo Egito ou Moisés, ambas publicadas pela Editora Ordem do Graal na Terra.
- 36 PUCCINELLI JUNIOR, *Jesus Ensina as Leis da Criação: Nova Interpretação de Textos Bíblicos*, p. 192-193.
- 37 EHRMAN, *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?*, p. 46.
- 38 *Bíblia Sagrada - Paulinas 1980*, p. 1062.
- 39 Informam os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*: “Var.: ‘José’ ou ‘Joseph’”. (p. 1767)
- 40 Novo Testamento - Loyola, p. 62.
- 41 VERMES, *As Várias Faces de Jesus*, p. 255.
- 42 WILSON, *Jesus, o Maior Homem do Mundo*, p. 100.
- 43 WILSON, *Jesus, o Maior Homem do Mundo*, p. 10-11.
- 44 EHRMAN, *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?*, p. 46.
- 45 VERMES, *As Várias Faces de Jesus*, p. 185.
- 46 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - vol. 1*, p. 622.
- 47 *Bíblia Anotada*, p. 1332.
- 48 *Bíblia Shedd*, p. 1789.
- 49 *Bíblia Anotada*, p. 415.
- 50 *Bíblia Sagrada - Santuário*, p. 1437.
- 51 *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 1286.
- 52 *Bíblia Sagrada - Paulinas 1980*, p. 1062.
- 53 *Bíblia Anotada*, p. 1185.
- 54 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1706.
- 55 MONLOUBOU e BUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 555.
- 56 *Bíblia Sagrada - Barsa, Dicionário Prático*, p. 189.

- 57 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 959.
- 58 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 986.
- 59 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 947.
- 60 *Bíblia Sagrada – Vozes*, p. 890.
- 61 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 992-993.
- 62 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1340.
- 63 *A Bíblia Anotada*, p. 905.
- 64 VERMES, *Natividade*, p. 97.
- 65 KELLER, *E a Bíblia tinha razão...*, p. 366-367.
- 66 MACHADO, *A Sociedade Secreta de Jesus*, p. 168-170.
- 67 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – vol. 4*, p. 465.
- 68 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho – vol. 1*, p. 90.
- 69 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho – vol. 6*, p. 129.
- 70 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho – vol. 8*, 1971, p. 70.
- 71 LEWIS, *A Vida Mística de Jesus*, p. 56-61.
- 72 N.T.: Sobre a cronologia de Jesus, ver M. Dibelius, *From Tradition to Gospel*, New York, 1965; K. L. Schmidt, *Der Rahmen der Geschichte Jesu*, Darmstadt, 1964, pp. 1-17; Bauer, *op. cit.*, pp. 279-310.
- 73 FLUSSER, *Jesus*, p. 9.
- 74 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho – vol. 1*, p. 53.